

7 Passos para restaurar sua Família

Para vencer é preciso usar a estratégia certa



PE. ADRIANO ZANDONÁ



Canção Nova

EDITORA

7 Passos para Restaurar sua Família

DIREÇÃO GERAL: Fábio Gonçalves Vieira
CAPA: Larissa Ramos de Carvalho Ferreira
PREPARAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO: Bruno Castro

*Este livro segue as regras da Nova Ortografia
da Língua Portuguesa.*

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua João Paulo II, s/n – Alto da Bela Vista
12 630-000 Cachoeira Paulista – SP
Tel.: [55] (12) 3186-2600
E-mail: editora@cancaonova.com
loja.cancaonova.com
Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-811-0

© EDITORA CANÇÃO NOVA
Cachoeira Paulista, SP, Brasil, 2017

PE. ADRIANO ZANDONÁ

7 Passos para Restaurar sua Família

Para vencer é preciso usar a estratégia certa

2ª edição



Canção Nova

EDITORA

Sumário

ENCONTRAR A MELHOR ESTRATÉGIA!.....	9
PRIMEIRO PASSO: RESTAURAR O AMOR.....	23
Oração do Primeiro Passo.....	51
SEGUNDO PASSO: AGIR COM SABEDORIA.....	53
Oração do Segundo Passo.....	78
TERCEIRO PASSO: A RECONCILIAÇÃO	81
Oração do Terceiro Passo.....	104
QUARTO PASSO: A ORAÇÃO	107
Orações do Quarto Passo	118
QUINTO PASSO: O DIÁLOGO.....	121
Oração do Quinto Passo	138

SEXTO PASSO: A CRIATIVIDADE	141
Oração do Sexto Passo.....	163
SÉTIMO PASSO: CONFIAR NA PROVIDÊNCIA DIVINA E ADMINISTRAR OS RECURSOS COM INTELIGÊNCIA	165
Oração do Sétimo Passo	181
REFERÊNCIAS	185

Encontrar a melhor estratégia!

É FATO QUE NINGUÉM SE casa ou vive em uma família para ser infeliz. Independentemente das circunstâncias que compoñham a vida de cada pessoa, todos no fundo querem viver bem seus relacionamentos, sobretudo em família, realizando suas interações com harmonia e felicidade. Todos(as), em alguma medida, querem encontrar em casa um verdadeiro lar que seja um oásis de paz e contentamento, no qual se possa realmente descansar e se refazer, vivendo momentos sinceros de interação e alegria.

Não há quem, honestamente, deseje viver em um ambiente desarmônico, pesado e triste.

Ninguém suportaria viver constantemente em um ambiente que seja – como muitas vezes escutamos por aí – um verdadeiro inferno! Nossa vida já é exigente e repleta de desafios externos: em nosso trabalho, nos estudos, no relacionamento com as pessoas com quem convivemos fora de casa, no trânsito que enfrentamos, no excesso de atividades que temos, no cansaço e desgaste que muitas vezes sentimos. Todavia, quando além dos desafios externos não encontramos acolhida e suporte dentro do próprio lar, nosso coração começa a se entristecer e nosso mundo começa a gradativamente desmoronar...

Diga-se de passagem: na maioria das vezes, as coisas que mais nos afligem e fazem sofrer começam dentro de casa, em realidades que compõem o enredo concreto de nossas famílias. Afinal, quem tem mais capacidade de nos ferir e desestruturar é quem mais amamos e está mais próximo de nós. Um inimigo externo pode até nos prejudicar, mas apenas quem está próximo a nós – um familiar ou amigo(a) – tem o poder de nos desestruturar

completamente, atingindo e entristecendo nosso coração.

É justamente por isso que precisamos exercer com seriedade a atividade de *compreender o que mais tem fragilizado nossa família*, a fim de que, a partir desta honesta reflexão, possamos tomar posse das armas e da estratégia certas para enfrentar a batalha pela restauração e libertação de nossos familiares. Se nos atentamos a isso, nos tornamos capazes de “blindar” nossa família e relacionamentos, transformando os enredos de nosso lar e fortalecendo a comunhão, que é fonte de alegria para todas as áreas de nossa história.

Ninguém vence uma batalha se não sabe contra qual inimigo está lutando... Por isso será preciso reconhecer quais são nossos verdadeiros inimigos, quais são suas táticas e qual é o caminho que eles têm trilhado para fragilizar a nós e aos nossos. Da mesma forma, ninguém alcança êxito em uma guerra se não é capaz de desenvolver uma boa estratégia de combate para enfrentar seu inimigo,

atacando-o nos pontos onde mais se concentra sua força e o seu poder de nos atacar e fragilizar.

Estes são dois requisitos importantíssimos para restaurar nossa família e nossos relacionamentos mais preciosos: *o conhecimento de nossos verdadeiros inimigos e o desenvolvimento de uma sábia e correta estratégia*. Sem esses recursos e habilidades, correremos o risco de gastar nossas forças em vão (sem eficácia), não concretizando a meta de restaurar as interações e relacionamentos que nos são mais caros.

Este processo de transformação de nós mesmos e dos nossos será sempre um combate. Ele nos desafiará, exigindo de nós sabedoria, constância e empenho para combater os verdadeiros males que desejam nos destruir.

Nossa família é como uma casa que, de tempos em tempos, inevitavelmente necessitará de reforma e restauração, pois a ação do tempo, o descaso de alguns habitantes e os desafios da rotina cotidiana são sempre inclementes com a vida útil de qualquer imóvel. Assim também é

com nossa família. Ela constantemente precisará de restauração em muitos de seus “cômodos”, a fim de que não seja definitivamente deteriorada pelos problemas e desafios (internos e externos) que a vida insiste em nos apresentar.

No entanto, *ninguém faz uma reforma sem saber aonde quer chegar*. Como afirmou um poeta: “Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade”. De fato, para alcançarmos o êxito em nosso propósito, precisaremos saber para aonde queremos ir, e devemos caminhar na direção certa – ainda que lentamente – de modo a não trilhar um caminho que futuramente possa nos frustrar.

Geralmente, quem inicia a reforma e restauração de uma casa o faz com um mínimo de observação e planejamento – do contrário, compraria materiais e instrumentos que não seriam utilizados, gerando desgaste e despesas desnecessárias. Da mesma forma, para restaurar nossa família, precisaremos agir com eficácia, utilizando uma boa estratégia e combatendo os inimigos

certos. Não poderemos empregar nosso tempo e energias em vão, em realidades secundárias, que não são essenciais neste processo.

Como afirmamos, o primeiro requisito para que essa batalha pela restauração de nossa casa aconteça do jeito certo será reconhecer e identificar nossos verdadeiros inimigos. Muita gente não vence a guerra porque acaba gastando seus recursos combatendo os inimigos errados... Muitas vezes, até combatendo os membros do próprio exército.

Nesta batalha, precisaremos compreender que lutamos contra os problemas e vícios (com suas raízes específicas), não contra as pessoas. Uma esposa deve lutar contra os vícios e problemas de seu esposo – que fazem toda a família sofrer – empenhando-se para libertá-lo desses males, mas não poderá nunca lutar contra o esposo. Um pai deve lutar contra a indisciplina do filho(a), para corrigi-lo(a) e recolocá-lo(a) no caminho certo, mas não pode lutar contra ele(a). Uma mãe deverá combater as feridas e erros que aprisionam seus filhos(as), porém, não deverá combater o filho(a) que está acorrentado a tal realidade.

A primeira e mais importante compreensão que precisamos ter para restaurar nossa família é a consciência de que *meus familiares não são os meus inimigos. Os vícios, fragilidades, defeitos e maus comportamentos são inimigos, não as pessoas que eu amo*. Elas podem até estar incorporando – consciente ou inconscientemente – essas errôneas atitudes e comportamentos, deixando-se usar pelo mal; contudo, não é contra elas que devemos combater.

Uma esposa não deve lutar contra o esposo (vice-versa); os pais não devem lutar contra os filhos (vice-versa); os irmãos não devem lutar uns contra os outros; a nora não deve lutar contra a sogra (vice-versa). Não podemos combater as pessoas de nossa família, pois, se assim o fizermos, nossa casa irá verdadeiramente implodir... Será apenas questão de tempo, pois o que divide e destrutura uma casa a partir de dentro, sempre alcançará o êxito em destruí-la totalmente.¹

Temos que lutar pelas pessoas (pela sua libertação e restauração), não contra elas. Alguns mem-

¹ Cf. Mt 12,25b.

bros de nossas famílias, muitas vezes, estão como que “cegos” e não conseguem ver nem perceber todo o mal e sofrimento que estão nos causando. Precisamos lutar para que eles sejam tocados e libertos de tal cegueira, para assim encontrarem um verdadeiro caminho de libertação e restauração.

Nossos maiores inimigos não são os seres humanos,² e nossa meta para combate não poderá ser as pessoas que convivem conosco. Muitos dos maiores inimigos estarão dentro de cada um(a) de nós, quando não nos observamos e nos permitimos dominar por nossas más tendências e defeitos que geram os vícios, as posturas equivocadas, os maus comportamentos etc.

Nosso real adversário, muitas vezes, será este mundo consumista, que nos faz sentir alegria somente quando temos dinheiro para consumir e comprar. Será a mentalidade descartável deste tempo, que nos ensina a usar as pessoas – ao invés de amá-las – e a buscar em tudo e, a qualquer custo, apenas nosso próprio prazer e bem-estar. Nosso

² Cf. Ef 6,10-20.

verdadeiro opositor será a atual concepção auto-centrada que nos faz pensar apenas em nós e em nossos interesses pessoais, impedindo-nos de viver qualquer sacrifício ou renúncia pelo bem da família. Nosso ardiloso oponente será “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida”³ que nos cegam e não nos deixam perceber onde está a nossa verdadeira felicidade. Esses são os nossos verdadeiros inimigos... Não as pessoas!

Esta precisará ser a nossa luta: combater os erros e fragilidades, não os frágeis e pecadores. Precisaremos lutar para transformar a raiz onde as deformidades e erros se iniciam: as feridas do coração e a mentalidade de cada pessoa, isto é, a forma como se pensa, sente e percebe a realidade.

É neste terreno que precisaremos combater, mudando nossa forma de pensar e de lidar conosco mesmos e com as pessoas. Claro que este será um grande desafio, visto que cada pessoa é um “universo” e possui compreensões e perspectivas muito

³ Cf. I João 2,16.

peculiares, como afirmou Carlos Drummond de Andrade: “Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar”. Por isso, restaurar esses diferentes corações exigirá de nós empenho, amor, persistência, paciência e coragem.

Em muitas circunstâncias, as pessoas que amamos não conseguirão, por si mesmas, enxergar seus próprios erros e os comportamentos que fragilizam toda a família. Acredito que cada ser humano é – em parte – condicionado pelas experiências de sua história e a partir delas desenvolve uma específica forma de pensar e de enxergar a vida... Como certa vez ouvi uma grande poetisa refletir: “Não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos ”. Por isso, precisaremos lutar para que nossos familiares façam uma experiência de cura e transformação em seus corações, a fim de que vejam e compreendam as coisas de maneira diferente, percebendo e reconhecendo seus erros e, assim, procurando melhorar.

Mesmo diante dos inúmeros desafios presentes nessa tarefa de restauração, existem algumas

armas e recursos muito eficazes que poderão nos ajudar grandemente no combate pela libertação dos nossos. Essas armas são os sete passos que aqui proporemos, os quais são uma verdadeira “estratégia de guerra” para que possamos assumir as rédeas de nosso lar e lutar pela restauração de nossa casa.

É possível, sim, restaurar a própria família: não existirá situação que não possa ser transformada por nossa luta unida à ação de Deus, que sempre combate em favor das famílias! No entanto, será preciso lutar com empenho, cultivando uma sábia e eficaz estratégia, a fim de enfrentarmos o combate com as armas certas.

Quem não utiliza a estratégia certa já começou a perder a guerra... Ninguém vence se não desenvolve uma estratégia inteligente e se não usa seus recursos da melhor maneira possível. Para triunfar na batalha, precisaremos conhecer bem as nossas armas (os sete passos), identificando-nos conscientemente com elas, pois estas serão os instrumentais “bélicos” que nos possibilitarão lutar com eficiência

e efetividade, alcançando verdadeiras vitórias no campo de batalha que é a vida.

Precisamos de precisão em nossa estratégia para não errar o alvo, e de sabedoria para enxergar e combater os reais inimigos. Se despejarmos nossa “munição” em alvos errados, nos frustraremos e perdemos a batalha.

Será preciso buscar compreender onde estão as verdadeiras raízes de nossos problemas – suas verdadeiras causas – e como nossa família tem sido atingida por tais realidades. Essa observação é muito importante e nos levará a identificar os verdadeiros inimigos: as feridas e fraquezas específicas. Ao identificá-los, compreenderemos o que os tem fortalecido e alimentado em nossa dinâmica familiar e poderemos melhor combatê-los.

Construamos juntos este caminho de verdadeira luta por nossa família; diante deste nobre ideal, todo esforço é salutar e todo empenho é bem empregado. Desenvolvamos a estratégia que será apresentada nestes sete passos, que nos acrescentarão poderosas armas neste combate em favor dos nossos.

O importante é caminhar na certeza de que não lutamos sozinhos, pois Deus combate em nosso favor pela restauração e libertação de nossa casa. O que nós não somos capazes de fazer, Ele poderá realizar! Creiamos nisso e entremos – conscientemente – nesta batalha que há muito tempo já começou. Assumamos as armas certas e não fuçamos deste combate, pois dele dependerá o nosso êxito e felicidade em família.

Caminhemos com empenho e confiança!

Primeiro passo: Restaurar o amor

O PRIMEIRO PASSO DE NOSSA estratégia para a transformação familiar será restaurar o amor. Sim, inúmeras vezes será preciso restaurá-lo, pois, em virtude da dureza da rotina, dos desgastes do tempo e das feridas surgidas em nossos relacionamentos, ele acabará se enfraquecendo e esfriando.

O amor não é apenas um sentimento ou uma emoção. Ao contrário, ele é uma constante e exigente construção, composta por inúmeros gestos e iniciativas que agregam um “colorido” muito peculiar à comunhão familiar. Como afirmou o Papa Francisco: “Se o amor é uma relação,

constrói-se como uma casa (...). A família nasce deste projeto de amor que deve crescer como se constrói uma casa”.⁴

Como acontece na construção de qualquer casa, nosso amor em família deverá ser edificado tijolo por tijolo. O tijolo de ontem possibilitará o tijolo de hoje, que, por sua vez, firmará a parede para que possa receber o tijolo de amanhã. Necessário será cultivar a disposição de “assentar o tijolo de cada dia” com afinho e constância. Todavia, como transcorre com qualquer casa ou edifício construído, de tempos em tempos o amor também precisará enfrentar – como afirmamos no capítulo anterior – um processo de intensa manutenção. O amor em família necessitará de recorrentes cuidados, sendo alvo de um constante esforço de restauração.

Se a família não realiza essa periódica “manutenção” do amor, ele irá, gradativamente, se enfraquecer. Assim, os laços que unem os corações

⁴ Encontro do Papa Francisco com os noivos que se reuniram na Praça de São Pedro, no dia de São Valentim.

ficarão frágeis, podendo até se extinguir totalmente. E, quando falta amor, tudo fica opaco e pesado, e as lutas em prol da família parecem não ter mais sentido.

Entre todas as coisas, aquilo que mais pesa é a falta de amor. Pesa não receber um sorriso, não ser bem recebido. Pesam certos silêncios. Por vezes, também em família, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos. Sem amor, o esforço torna-se mais pesado, intolerável.⁵

De fato, na dinâmica dos dias, o que acaba mais pesando no universo familiar é o enfraquecimento dos laços de amor... Quando o amor se torna fraco, sem manutenção periódica, o carinho e o afeto se ausentam e as coisas vão perdendo o sabor. O que nos faz acordar cedo e lutar em cada dia é o amor que sentimos, que damos e recebemos, e que confere uma motivação especial à nossa vida. Um pai ou uma mãe, por exemplo, acorda cedo

⁵ Papa Francisco. Encontro de Famílias em Roma, em outubro de 2013.

e enfrenta as muitas lutas do dia pensando no bem dos filhos e da família; impulsionado pelo sentimento que o(a) habita, enfrenta quaisquer desafios e dificuldades, tudo isso animado pelo amor que o(a) impele e que confere sentido a cada um de seus esforços.

Quando o amor se torna frágil, sentimos que não vale mais a pena lutar para viver bem juntos, e nossa família começa a definhar progressivamente. É o amor que nos dá forças para enfrentar os problemas, é ele que nos leva a não desistir das pessoas diante dos sofrimentos e desarmonias. Ele enche o nosso coração de esperança e força, apesar de todas as dificuldades que perpassam nossa história.

Francisco ainda afirmou:

A verdadeira alegria vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos experimentam no seu coração e que nos faz sentir a beleza de estar juntos, de apoiar-se mutuamente no caminho da vida.⁶

⁶ Missa de encerramento do Encontro de Famílias, em Roma.

Essa alegria verdadeira tem como fonte o amor, que gera comunhão e cria o necessário ambiente para o surgimento desta “harmonia profunda” em família. O amor gera uma convicção que nos faz lutar para viver harmonicamente em família, apesar de todos os erros e inconsistências presentes em nós e em cada membro de nosso lar. Quando falta a disposição para reconstruir a harmonia interrompida, a construção que é a nossa família começa a desabar profundamente. Assim, desistimos de lutar pela restauração dos nossos, e condenamos a alegria que deveria habitar nossas interações à pena de morte.

Pode ser que hoje seus afetos estejam tão machucados e decepcionados, que você não consiga sequer pensar em lutar para restaurar seu amor pelos familiares que tanto têm lhe feito sofrer. Talvez seu amor esteja adoecido ou até “em pedaços”. Pode ser que você esteja fragilizado pelo egoísmo de seu cônjuge, pelos maus tratos de seus familiares, pelas palavras de desafeto e rancor, pela raiva ou mágoa, pela ingratidão, pelo vício de seu

filho(a), pela crise financeira, pela doença que fragiliza algum membro de sua casa etc .

É fato que existem muitas circunstâncias que ferem nosso coração e fragilizam o nosso amor. Isso é uma sórdida realidade. Todavia, isso não quer dizer que o amor não possa ser restaurado e a harmonia familiar não possa ser reconstruída: quando se luta com as armas certas, utilizando uma estratégia inteligente e eficaz, essa restauração poderá, sim, acontecer, e a vitória certamente nos surpreenderá ao longo do caminho.

Mesmo se sua família estiver bem e se você não enfrentar hoje grandes “tempestades” dentro de sua casa, esteja atento(a) e não deixe de observar como está a qualidade de seu amor em família: não “baixe a guarda” e esteja sempre a observar onde é que o amor em sua família precisa de reparos e de uma verdadeira manutenção. Essa atenção será essencial para que futuros problemas sejam evitados, e para que a harmonia e a comunhão familiar não venham a se ausentar.

É fato que são muitas as realidades que atentam contra a saúde de nosso amor em família,

tanto dentro como fora de casa. No contexto interno, em nossa vivência familiar, temos o desafio de conviver com pessoas diferentes de nós, com temperamentos, feridas e percepções diferentes em tudo; dessemelhanças que muitas vezes nos atingem e – quando mal administradas – ferem o nosso “amor de cada dia”. São inúmeras as dificuldades internas que aqui poderiam ser apresentadas, nas quais você pode estar pensando agora. Trata-se de realidades que nos machucam e, aos poucos, vão confiscando nossa disposição de amar verdadeiramente.⁷

Contudo, também fora de casa os desafios são enormes, pois vivemos em uma sociedade que em muitos aspectos trabalha contra a unidade de nossas famílias e dos matrimônios em geral. Vivemos, como dizia Zygmunt Bauman,⁸ em uma sociedade volátil e “líquida”, na qual tudo parece

⁷ Ao longo do livro, apresentaremos outros desafios internos que atentam contra a comunhão familiar.

⁸ Filósofo e sociólogo polonês (1925-2017), que vivia na Inglaterra.

ser inconstante e muda com uma rapidez assustadora; uma sociedade que não tem solidez nem valores e princípios definidos. Os valores e desejos acabam mudando muito rápido – e, consequentemente, muitos padrões de comportamento são destruídos e recriados a cada dia.

Os valores, ideias e crenças que formaram os pais, por exemplo, já não existem mais no mundo que forma e molda os filhos. Essa ruptura, que sempre foi natural, tem acontecido de forma brusca e veloz demais em nosso tempo, deixando um vazio intenso e complexo entre os universos que compõem a história de cada membro da família.

Tal realidade pode gerar muitos conflitos e desencontros no seio familiar, fazendo com que os pais se sintam impotentes e inaptos para compreender e educar seus filhos, por perceber que foram criados em um mundo que se tornou obsoleto e não existe mais. Os pais acabam encontrando uma grande dificuldade para interagirem positivamente com os filhos(as), muitas vezes não conseguindo compreender a forma como eles pensam, os valores

nos quais acreditam, os ideais que carregam etc. Isso intensifica ainda mais os naturais conflitos entre as gerações e torna difícil o entendimento entre os membros da família, pois eles sentem que pertencem a mundos diferentes e, por vezes, inconciliáveis.

Já existem estudiosos que, em virtude das grandes e rápidas e transformações presentes em nosso tempo, atestam que a cada sete anos inicia-se um novo ciclo e, praticamente, uma nova geração. O fluxo de informações que nossas crianças e jovens recebem através da internet e demais meios de comunicação é altíssimo, e o número de novidades e avanços também o é. Isso intensifica cada vez mais o desafio de um sadio entendimento familiar, visto que o protagonismo na educação dos filhos não tem mais sido – muitas vezes – dos pais, mas da internet e de outros instrumentos de comunicação atuais. Nisso mora um perigo muito grande, visto que os maiores educadores de nossa futura geração não são mais os pais, que deveriam comunicar seus valores e crenças aos seus filhos(as),

mas, sim, as inúmeras “babás eletrônicas” que a tecnologia atualmente desenvolveu.

É claro que, neste contexto, a interação familiar não se tornou impossível; entretanto, ninguém pode negar que ela está mais exigente e demandará um esforço e uma abertura maior da parte de todos os membros do lar. Os pais e todos os membros da família precisarão encontrar novos e inteligentes caminhos para alimentar a comunhão entre si⁹, não permitindo que as novidades de nosso tempo esfriem e abafem o afeto e a comunhão que deveria nos unir como família.

Diga-se de passagem que este é também um tempo de verdades subjetivas, no qual cada um(a) – em especial os mais jovens – se julga no direito de criar/inventar suas próprias “verdades”, desprezando tudo e todos que exerçam alguma forma de autoridade e proponham uma determinada forma de viver. Assim, os referenciais de educação familiares e religiosos – tais como as crenças

⁹ Ao longo do livro apresentaremos alguns caminhos, presentes nos passos que aqui serão desenvolvidos.

dos mais velhos da família, a própria Bíblia e os valores da fé etc. – começam a ser questionados e, muitas vezes, totalmente rejeitados.

As crianças e jovens de hoje tornaram-se extremamente críticos. Claro que isso porta muitos aspectos positivos, pois a criticidade nos leva a buscar entender melhor a vida, tendo mais profundidade e menos “inocência”, no sentido pejorativo do termo. Todavia, a crítica apenas pela crítica faz muito mal e leva os filhos(as) a simplesmente rejeitarem toda a educação e valores propostos pelos pais, criando assim uma ruptura no diálogo e na interação familiar.

Ser crítico nem sempre é sinal de inteligência... Inteligente é quem sabe questionar e rejeitar o que não é bom, mas tem a humildade de aprender com aqueles que nos precederam e que têm muitas coisas boas e importantes para nos ensinar.

Nossas crianças e jovens recebem, sim, muito conteúdo e têm muita informação. No entanto, essa gama de coisas não os pode levar a desprezar todo o legado e sabedoria apresentados pelos pais e demais familiares, que são um verdadeiro tesou-

ro que muito poderá ajudá-los ao longo da vida. *Nem sempre a informação equivalerá à formação*, e a informação que hoje recebemos não nos pode fazer desprezar toda a formação que a história dos nossos poderá nos acrescentar.

Um povo sem história é um povo sem identidade! Uma sociedade na qual os filhos(as) se tornam tão críticos a ponto de rejeitar o rico universo de ensinamentos e valores apresentados pelos pais não pode progredir e crescer de maneira saudável.

Vivemos, ainda, uma intensa “ditadura do eu”,¹⁰ um egoísmo extremo que faz com que cada um olhe apenas para seus interesses e vontades, não se importando com a família e com aquilo que poderia contribuir para sua comunhão e progresso. Em virtude disso, muitas pessoas não sabem mais lidar com os problemas e provações, e acabam cedendo diante de qualquer pressão ou obstáculo, buscando compensações ou vícios que as “ajudem” – ilusoriamente – a enfrentar as dificuldades. Tal pensamento

¹⁰ Cultura da centralidade do indivíduo.

gera um comportamento imaturo, que não permite ao coração enfrentar alguns necessários sacrifícios pelo bem da família.

Nossa sociedade tem estado adoecida em uma busca frenética pelo prazer¹¹ a todo custo. Tal realidade tem feito com que muitos(as), facilmente, se aprisionem aos ardilosos contextos que apresentam o prazer pessoal como a única solução a ser priorizada, não importando se as consequências dessa busca egoísta prejudiquem toda uma família.

Este é o nosso tempo, com seus relevantes e ardilosos desafios, os quais repercutem diretamente na “saúde relacional” de nossas famílias, atingindo e fragilizando a comunhão em nossos relacionamentos mais importantes.

Pode ser que estejamos mesmo abatidos, em virtude dos difíceis enredos apresentados, e que

¹¹ Aqui nos referimos ao desequilíbrio na busca do prazer: prazer do comprar, do ter, prazer sexual (nas perversões, fora de sua verdadeira finalidade), prazer do comer, do beber, prazer gerado pelos vícios etc.

por isso nossa capacidade de amar já esteja doente e fraca. Talvez percebamos nosso coração despedaçado e nossa disposição de amar minada pela decepção. Por isso, talvez não estejamos mais encontrando forças para continuar lutando pelos nossos. Entretanto, faz-se necessário recordar que *o amor é uma força dinâmica que possui um incrível poder de ressurreição: tanto para quem ama como para quem é amado. Assim que despertado, ele gera um poder de reação admirável dentro de nós, que nos faz levantar com uma nova energia e com poderosas e diferentes perspectivas para enfrentar o combate.*

Para despertar o dinamismo do amor dentro de nós, precisaremos nos empenhar para viver um concreto processo de travessia, curando as feridas afetivas e emocionais que nasceram em nossos relacionamentos dentro da família. Sobre isso escrevi em meu livro *Curar-se para ser Feliz*,¹² atestando que as feridas, decepções e mágoas não curadas e resolvidas em nós impedem-nos de amar

¹² Editora Canção Nova em parceria com a Editora Petra. Recomendo a sua leitura, para um maior aprofundamento.

verdadeiramente. Elas nos travam, sob o ponto de vista relacional, e aprisionam nosso olhar na amargura e na desesperança.

Após este processo de curar o que está ferido em nossa história, precisaremos, através dos passos que serão apresentados em nosso percurso, nos *dispor* a amar novamente (*disposição* é a palavra!) investindo tempo e energias, conscientemente, no intuito de restaurar os membros de nossa casa e curar nossa comunhão familiar. Este não é um caminho teórico ou que seja facilmente descrito sob o ponto de vista conceitual, pois o exercício do amor é como andar de bicicleta: vamos aprendendo e nos aperfeiçoando à medida que vamos fazendo, somos curados à medida que vamos “pedalando” e nos lançando no desafio de amar com gestos, iniciativas e palavras.

É preciso dar passos de amor e cuidado para com os nossos, principalmente com os(as) mais difíceis – mesmo quando não sentimos vontade de fazê-lo. É preciso insistir na atividade de amar concretamente, pois o seu simples exercício vai

transformando nossas relações e realizando verdadeiros milagres. Não haverá outro caminho para curarmos nosso interior e crescermos na comunhão. Será preciso amar novamente e de maneira mais acertada, com mais discernimento e sabedoria, pois *as feridas nascidas no exercício do amor apenas o amor – e seu recorrente exercício – poderão curar.*

Por mais que existam feridas e desgastes em nossa história, quando decidimos amar sinceramente, renovando nossa disposição para restaurar nosso afeto, algo incrível e especial começa a acontecer dentro de nós: nossa atitude de amar vai, de forma impressionante, renovando nossa capacidade de fazê-lo cada vez mais e melhor. Quanto mais amamos e investimos no cuidado para com os nossos, mais vamos sendo curados e recebendo uma nova capacidade para amar. É uma dinâmica simples e admirável, que realiza uma obra de intensa ressurreição interior naqueles(as) que

decidem concretizá-la; afinal, o amor é e sempre será o “vínculo de todo progresso e perfeição”.¹³

Independentemente de seu contexto e de como hoje você esteja, saiba que restaurar seu amor em família é possível e passível de ser realizado. Será necessário começar hoje este trabalho de *manutenção*, com determinação e um sincero desejo de reconstruir a comunhão em seu lar. Pergunte agora a você mesmo: Como está meu amor em família? Trago feridas e decepções em meu coração? Elas têm me impedido de amar e de lutar pelos meus? Tenho investido no amor para com meus familiares? Tenho gastado com inteireza o tempo de que disponho na convivência com os meus? Como está a qualidade de meus relacionamentos? *Se eu morresse hoje, partiria em paz, na certeza de que dei o meu melhor e amei verdadeiramente meus familiares? Minha consciência hoje está tranquila por eu já ter feito tudo o que podia para restaurar os meus?*

¹³ Cf. Cl 3,14.

Não tenha medo de se examinar e perceber o ponto em que você está hoje, na dinâmica do exercício do amor em família. Seja honesto(a) e reconheça seus erros e acertos, na intenção de iniciar conscientemente este processo de manutenção e restauração do amor para com os seus.

Para vivermos com eficácia essa dinâmica de restauração, será necessário cultivar a disposição para renovar, constantemente, os gestos concretos de amor. Como afirmei acima sobre a dinâmica do amar como um processo semelhante ao andar de bicicleta, em seu exercício *se você para de pedalar, acaba caindo...* Sendo assim, o que dará força ao amor e o fará acontecer é o seu movimento contínuo, a partir das pequenas coisas. *Um amor forte será sempre um amor ativo, que se mantém em constante exercício.*

É preciso ter a coragem de investir no outro com “gestos reais e concretos”¹⁴ de afeto, acolhida e cuidado, que expressem claramente este compro-

¹⁴ Papa Francisco. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, n. 315.

misso de luta pela restauração de toda a família. Esses gestos e iniciativas de amor revelarão que, apesar dos erros e fraquezas, nossos familiares continuam sendo amados e tendo valor para nós. Isso, com o tempo, gerará um estímulo de reação nos nossos, criando um ambiente propício à restauração de nossa casa.

É preciso investir em pequenos gestos de afeto cotidianos, como palavras cheias de carinho, elogios, atitudes atentas de cuidado, enfim, ações concretas que ajudem de fato o outro(a) dentro de casa – quem sabe até em um serviço doméstico ou outra tarefa afim. Faz-se necessário restaurar nosso amor através de iniciativas criativas,¹⁵ que gerem um novo e melhor ambiente no enredo de nosso lar.

Que não passemos um dia sequer sem dizer uma palavra carinhosa aos nossos familiares! Que não economizemos na gentileza e nos gestos de amor dentro de casa!

¹⁵ Falarei sobre isso com profundidade no sexto passo.

O amor é contagioso e altamente estimulante, sobretudo quando é exercido dentro do lar. Quando ele é colocado em prática, acaba contagiando o “clima” de nossa família e gerando um ambiente mais harmônico, no qual todos são estimulados a se respeitar e valorizar mutuamente. Assim, as geleiras de nossas feridas e ressentimentos irão, paulatinamente, sendo derretidas pelo calor do amor expresso no cuidado.

Como há pouco afirmei, para sermos capazes de restaurar nosso amor será imprescindível investirmos na cura de nossa história pessoal de vida, a fim de que as vozes de nossas feridas e medos não continuem falando alto dentro de nós, nem influenciando nossas ações e reações com relação aos outros.¹⁶

Para além das insatisfações e marcas que existam em nós, quero também ressaltar que essa

¹⁶ Sobre isso não me deterei aqui, visto que já escrevi outros dois livros sobre esta temática, que são: *Curar-se para ser Feliz* (já citado) e *Conquistando a Liberdade Interior* (Editora Canção Nova e Editora Planeta).

restauração do amor familiar consistirá em uma concreta purificação de nosso olhar, de modo que possamos enxergar as pessoas não somente sob a ótica de nossas decepções e feridas – que nos machucaram e fizeram sofrer – mas sob a ótica do amor, que “tudo crê, suporta e espera”.¹⁷

Um verdadeiro encontro com o outro requer um olhar realmente voltado para ele. Isso não é possível quando reina um pessimismo que põe em evidência apenas os defeitos e erros alheios, talvez até para compensar nossos próprios erros e complexos. *Um olhar amável faz com que nos detenhamos menos nos limites do outro, podendo assim tolerá-lo e unirmo-nos em um projeto comum, apesar de sermos diferentes.*¹⁸

Sem dúvida, será desafiante construir um olhar restaurado no amor para aqueles(as) que nos têm feito sofrer; isso exigirá de nós disposição e determinação para reconstruirmos a paz e harmonia em nossa casa. Todavia, não haverá

¹⁷ 1Cor 13,7.

¹⁸ Papa Francisco. *Amoris Laetitia* (AL), 100.

outro caminho para sermos realmente felizes nem para restaurar nosso lar, a não ser o da luta e do empenho no amor.

A tentação será buscar um atalho ou um caminho paliativo – os quais, por sua vez, não resolverão nossos problemas e acabarão custando muito caro ao longo do caminho. *Atalhos não resolvem problemas, apenas retardam a manifestação de suas consequências... Não enveredemos por eles, pois nos custarão muito caro ao longo do percurso.*

Temos que encarar, sem medo, a real situação de nossa família, empreendendo esforços nesta luta pela restauração dos nossos, sobretudo no sentido do amor que devemos e podemos oferecer. Como afirmou São Tomás de Aquino: “É mais próprio do amor querer amar do que querer ser amado”.¹⁹

Para restaurar nosso amor, precisaremos cultivar uma constante sementeira de afeto, na certeza de que, como afirmou o Papa Francisco, “por mais

¹⁹ *Suma Teológica*, II-II, q. 27, art. 1, ad.2.

ferida que uma família possa estar, ela sempre poderá crescer (e se restaurar) a partir do amor”.²⁰

É claro que nossas famílias não estão prontas nem são perfeitas em sua maneira de exercer o amor. Todos estamos em processo, necessitando continuamente amadurecer e purificar a nossa forma de amar:

Nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada de uma vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento em sua capacidade de amar. (...) Todos somos chamados a manter viva a tensão para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites.²¹

Independentemente da imaturidade na forma de amar que exista em nós e em nossas famílias, poderemos sempre regressar ao caminho certo, exercendo um sincero empenho para que as coisas se transformem na realidade de nosso lar. Isso sempre será possível através de nossa decisão de

²⁰ AL, 53.

²¹ AL, 325.

amar sinceramente, restaurando nossas iniciativas de afeto dentro de casa.

Ainda há poucos dias, tive a oportunidade de conhecer a história de superação de uma mãe, cujo filho viveu por vários anos na terrível dependência das drogas. Sua família sofreu e se desgastou muito com a situação; todavia, tanto essa mãe quanto o pai combateram bravamente pela libertação do filho. Felizmente, eles escolheram lutar com as armas certas, e decidiram combater pela restauração de sua família usando a estratégia do amor constante, expresso em atitudes recorrentes de afeto e cuidado.

Este menino foi muito longe em sua dependência e chegou até a morar na rua. Foram anos de batalhas, orações e inúmeras iniciativas de amor por parte de seus pais. Os muitos gestos de afeto, sobretudo da mãe, foram aos poucos alcançando o coração deste jovem, que foi gradativamente “caindo em si” e percebendo que tinha valor, que era amado e que não precisava morrer na sarjeta como um dependente marginalizado .

O amor de seus pais e as duras correções que muitas vezes eles fizeram, a ajuda de alguns sinceros amigos de infância, a oração de muitos... todos esses esforços de amor foram aos poucos restaurando o rapaz, que gradativamente foi se libertando do cárcere do vício que roubou a sua liberdade por vários anos.

O amor restaurou este menino. Ele aos poucos conseguiu romper com o vício e, após algum tempo, voltou a estudar, a participar de um grupo de jovens que também estavam lutando contra o vício²² e começou a viver um namoro com uma moça que era voluntária neste grupo. Enfim, ele foi restaurado e, a partir dele, toda a sua família experimentou uma nova vida e comunhão. No entanto, isso só foi possível porque o amor de seus pais foi intenso e passou por contínuos processos de manutenção e restauração, o que redundou na persistência que acabou por atingir e libertar este filho.

²² Um grupo de jovens cristão em São Paulo – SP.

É claro que esta família viveu muitas lutas e derrotas ao longo deste processo. Contudo, o casal fortaleceu-se mutuamente e alicerçaram-se na determinação de lutar juntos por seu filho até o fim. Houve momentos de tristeza, quedas e desânimo, sem dúvida, mas foi a constância e determinação dos pais que possibilitou ao nosso protagonista libertar-se e recomeçar sua vida.

Essa história teve um final lindo e feliz, em virtude deste filho ter conseguido, em tempo, abrir seus olhos para enxergar o amor de seus pais e amigos, deixando-se restaurar por ele. Essa parte do processo cabia somente a ele – por mais que os pais o amassem e lutassem por sua transformação com reta intenção, se ele não se permitisse tocar e curar, essa restauração não poderia acontecer.

Os pais insistiram neste exercício de afeto e, por isso, o filho foi sendo tocado e transformado. Os pais não poderiam obrigar o filho a aceitar seu amor e a mudar sua postura; todavia, eles tiveram a sabedoria para utilizar um outro importante instrumental que será abordado no quarto passo,

através do qual o filho pode verdadeiramente “abrir seus olhos” e viver uma intensa experiência de auto-percepção e libertação.

O amor cabe em qualquer família e contexto. Ele é um esforço que, a conta-gotas, gera um efeito libertador que vai verdadeiramente retirando “água da pedra”, no sentido de tocar e amolecer os corações mais duros e petrificados. Ele precisará ser sempre realimentado – literalmente “re+alimentado”, ou seja, nutrido novamente – para que nossa família seja alcançada e a comunhão que nos une não venha a adoecer.

De igual modo, na vida conjugal o amor precisará ser continuamente restaurado e realimentado, para que o casal possa viver a alegria de amadurecer e superar as crises juntos. É a restauração do amor que sustenta e mantém uma relação a dois. Sua renovação faz com que a convivência não se torne um peso e os desentendimentos não se tornem soberanos.

Este é o primeiro passo na meta de restaurar nossos lares. Ele não pode faltar na estratégia de

quem deseja realmente ser feliz na vida familiar. Pode até parecer simples, mas este é um recurso muito eficaz e que produz resultados fantásticos ao longo do tempo.

Desafio você a trilhar este passo com perseverança e determinação, tendo constantes atitudes de cuidado e afeto dentro de sua família, sobretudo para com aqueles que mais o(a) desafiam. Mais uma vez o digo: não busque o caminho mais fácil, nem procure atalhos para resolver os problemas de sua casa. Enfrente suas lutas com coragem, inteligência e fé, assumindo a responsabilidade que é sua nesta batalha pela restauração dos seus. Lute por sua família com a arma do amor constante, utilizando a estratégia de um afeto encarnado, que não se cansa nem retroage.

Com certeza você será surpreendido neste percurso e poderá colher maravilhosos frutos de ressurreição em sua vida familiar! Façamos juntos esta primeira oração:

Oração do Primeiro Passo

Senhor, Tu conheces o meu coração e o modo como hoje ele se encontra.

Sabes que em várias circunstâncias fui ferido(a) e machucado(a); muitas vezes me decepcionei, senti-me traído e não me senti verdadeiramente amado.

Todas essas feridas, Senhor, foram retirando de mim a disposição de amar verdadeiramente: fui esfriando no amor e estacionando nos defeitos e erros de meus familiares.

Peço-te agora, Senhor, que cures o meu coração de toda mágoa e decepção que me fecharam ao exercício do amor, e restaures em mim o desejo e a disposição de amar. Ajuda-me a não desistir de mim mesmo e de minha família: restaura em mim a capacidade de amar verdadeiramente!

Sei que o amor tudo pode curar e ressuscitar; acredito na força do amor, sobretudo em Teu infinito amor por mim.

Retira toda dureza do meu coração e aquece com Tua presença os meus afetos e emoções, que mui-

tas vezes estão fragilizados e estacionados nas duras experiências vividas no passado. Ressuscita em mim a esperança e renova minhas forças para viver este combate pela restauração de minha família. Quero investir no afeto e semear amor em minha casa, na certeza de que colherei frutos maravilhosos.

Recebo de Ti essa estratégia, Senhor, e a quero utilizar com fidelidade. Amém.

Segundo passo: Agir com sabedoria

*Uma pessoa inteligente sai de um buraco no qual
uma pessoa sábia não cairia. (Provérbio árabe)*

PARA SERMOS EFICAZES NA estratégia de restauração de nossa família, precisaremos desenvolver a habilidade de saber a hora certa de avançar e de recuar, o momento certo de falar e de calar, a hora de perder e de ganhar, enfim, precisaremos agir com sabedoria.

A sabedoria é uma virtude extremamente necessária na estratégia de quem deseja lutar de forma certa, sem perder tempo nem desperdiçar energias. *Sabedoria é diferente de esperteza: ser sábio*

não é sempre buscar “levar vantagem” sobre os outros; ao contrário, isso não é virtude, mas defeito. Essa virtude não consiste em se mostrar ou se considerar acima dos demais, a ponto de desprezá-los ou julgá-los incapazes e inferiores.

A verdadeira sabedoria é um dom que nos permite discernir qual o melhor caminho a seguir e a melhor atitude a adotar frente às diferentes realidades e circunstâncias. Ela nos faz compreender em qual momento devemos agir – falando, fazendo etc. – e em qual momento devemos recuar, deixando que o tempo coloque todas as coisas em seu devido lugar.

Em meio aos conflitos e dificuldades que o dia a dia costuma nos apresentar, a sabedoria é um recurso essencial para que não coloquemos tudo a perder e não compliquemos situações e relacionamentos que já são complexos e que, quem sabe, já estejam “por um fio”.

Essa virtude nos fará entender que, em muitas circunstâncias, o melhor ataque será a defesa e a melhor ofensiva será um momentâneo recuo. Ela nos ensinará qual é a melhor forma e momento

para falar, a fim de que não nos compliquemos nem percamos o compasso neste caminho de restauração.

A sabedoria é uma virtude que caminha de mãos dadas com a prudência. O coração que age com sabedoria precisará ser prudente, compreendendo que, quando se trata de relacionamentos familiares, a ansiedade, a raiva e a agitação nunca serão bons conselheiros para guiar nossas atitudes. *A prudência nos leva a refletir e ponderar as consequências antes de falar e agir;* ela nos faz refletir e encarar com mais racionalidade, e menos emoção, os problemas e dilemas que se manifestam diante de nós.

Quem age com ansiedade e imediatismo pode até ter boa vontade em resolver os conflitos; porém, acabará potencializando-os e complicando-os ainda mais...

A sabedoria nos dá a prudência para sabermos deixar o amor crescer e amadurecer naturalmente, sem querer exigir dele um crescimento precoce e impossível de ser atingido a curto prazo. Infeliz-

mente, vivemos um tempo de intensa ansiedade e imediatismo, no qual as pessoas querem que tudo esteja pronto e resolvido “pra ontem”. *Contudo, os relacionamentos humanos não funcionam assim.* Quem quiser, por exemplo, viver com pessoas prontas e sem defeitos – o que definitivamente não existe – e não tiver paciência para estimular e “formar” o seu companheiro (seu cônjuge, demais familiares etc.), acabará prejudicando a comunhão e impedindo que seus relacionamentos possam realmente amadurecer.

Não existe marido, esposa, filho(a), pai nem mãe perfeitos e prontos... É preciso rezar por eles, *estimulá-los com nossos bons exemplos* e permitir que seus corações absorvam os bons estímulos e amadureçam gradativamente. Quem simplesmente “troca” uma pessoa porque acha que ela não está pronta, sem ter paciência para formá-la, correrá o risco de acabar sozinho e infeliz.

Para realmente formarmos e trabalharmos alguém em nosso contexto familiar, precisaremos agir com oração, sabedoria e exemplo. Não

adiantará apenas reclamarmos dos nossos e de seus defeitos, se não damos o exemplo de como viver bem em família. Sem bons exemplos, alcançados em um sábio comportamento, teremos muita dificuldade para verdadeiramente tocar e restaurar nossos familiares. *De nada adiantará reclamar e se enraivecer se, antes, não formos nós mesmos a mudança que queremos ver em nosso lar...* Só alcançaremos isso agindo com sabedoria.

Se queremos viver em um ambiente harmônico e gentil, precisamos ser pessoas gentis e que promovem a harmonia e a comunhão dentro de casa. Se não nos empenhamos para estimular nossos familiares com exemplos, nosso esforço será ineficaz e a restauração familiar encontrará muitos obstáculos.

A sabedoria também nos ensina que, para vencermos a guerra pela restauração e libertação de nossa família, precisaremos saber perder algumas batalhas. Todo exército, no ofício de vencer uma grande guerra, acabará perdendo algumas batalhas. A perda de algumas momentâneas batalhas

nem sempre será sinal de derrota – ao contrário, poderá ser um concreto aprendizado e um sadio exercício de humildade e de crescimento interior.

Muitas vezes, para podermos oferecer um bom exemplo dentro de casa, precisaremos saber ceder e perder momentaneamente em inúmeras circunstâncias. Perder e ceder para manter a comunhão, para que meu ego diminua e todos ganhem, para que o amor possa encontrar novos caminhos para acontecer... Enfim, é preciso aprender essa lição de humildade, admitindo que *quem nunca sabe perder acaba perdendo sempre!*

Nem sempre seremos capazes de conjugar as vitórias de nosso ego e razões com nossa felicidade familiar: *nem sempre poderemos vencer em tudo (em todas as “disputas” relacionais) e, ao mesmo tempo, ser felizes em família. Para sermos realmente felizes precisaremos, inevitavelmente, saber recuar e perder em muitos momentos.*

Precisaremos saber perder para que a raiva passe e não respondamos no ímpeto da agitação; saber perder não pagando mal com mal, nem a

ofensa com ofensa; saber perder tendo paciência diante das infantilidades e imaturidades do outro; saber perder reconhecendo nossos erros e fraquezas e conversando sobre isso; saber perder aceitando o que não podemos mudar; saber perder momentaneamente... aguardando que a maturidade finque raízes na realidade do outro coração.

É a sabedoria que nos ensina essas lições, presenteando-nos com um verdadeiro tino para lidarmos com os outros e conosco mesmos. Ela também nos ensina a bem conduzir as inconsistências de nosso temperamento. Haja vista que, inúmeras vezes, somos nós mesmos e nossas nuances temperamentais (nossos ímpetos de raiva e impaciência) o que mais prejudica a comunhão em nossa família e a restauração de nosso lar.

A sabedoria nos instigará a buscar conhecer a nós mesmos, compreendendo onde estão os nossos tesouros e as nossas inconsistências. Nosso ímpeto e os desequilíbrios de nosso temperamento não podem trabalhar contra a unidade da nossa família; ao contrário, devemos submeter tudo isso

a Deus, para que Ele nos ajude a administrar com sabedoria aquilo que somos e sentimos, a fim de que não sejamos nós mesmos os maiores inimigos de nossa felicidade em família.

Só podemos realmente restaurar nossa família quando, antes, nos empenhamos e trabalhamos na restauração de nós mesmos. Nossa família só pode se tornar melhor quando lutamos e nos tornamos pessoas melhores e mais amáveis; este é um princípio imutável.

Se não agimos com sabedoria e maturidade, corremos o risco de atrapalhar a obra que Deus deseja realizar em nossa família, em vez de contribuirmos com Sua ação de restaurar nosso lar. A sabedoria é uma virtude essencial para a verdadeira cura e transformação de qualquer família, independentemente de quais sejam os desafios e o contexto que a tenham fragilizado.

Precisamos de sabedoria para dizer sim e dizer não (educando de forma assertiva), para lidar com pessoas difíceis e revoltadas, para acompanhar os que estão distantes, para reconduzir ao bom caminho

os que erraram, para buscar libertar os que estão no vício, para não piorar o que já está ruim – não “apagando o pavio já fraco de chama”²³ – para falar sem ofender, para escutar ativamente e, sobretudo, para lidar conosco mesmos. Sem sabedoria e palavras certas, podemos causar um sofrimento intenso e desnecessário para nós mesmos e para os nossos familiares.

De fato, como escreveu Salomão em seus provérbios: “Uma mulher sábia edifica sua casa”.²⁴ E isso serve não apenas para a mulher, mas para todos os membros da família. Quando um membro do lar, seja uma mãe/pai, esposa(o) ou filho(a), age com sabedoria, dificilmente uma casa chega a ruir e se desestruturar totalmente. É a sabedoria da mulher (ou do homem) que edifica um lar e o mantém estável, mesmo diante dos problemas e dificuldades que atentarem contra ele.

Quem age impulsionado por essa virtude não cede à pressão nem toma decisões em meio

²³ Is 42,3b.

²⁴ Pr 14,1.

à agitação das “tempestades”. *O sábio(a) sempre espera a tempestade passar antes de definir o curso através do qual o barco de sua história irá percorrer as águas da vida.*

Quem age com sapiência não faz escolhas sem antes refletir, ponderar as consequências e rezar. O coração que assim age consegue enxergar com mais nitidez e precisão, e não se torna refém da inconsequência displicente nem da busca de soluções instantâneas e mágicas.

Quem age com sabedoria pode ser a porta para a restauração de toda uma família. Esta virtude pode ajudar mais do que posses e recursos materiais, como ainda afirmou o sábio Salomão em seus provérbios: “Melhor é possuir a sabedoria do que o ouro; adquirir a prudência é mais precioso que a prata!”.²⁵

Recordo-me da história de uma esposa que, após muito ter se desgastado e equivocado em sua vivência familiar, começou a compreender os

²⁵ Pr 16,16.

passos que precisava dar para, de fato, concretizar a restauração de sua casa.

Diante da inusitada falência da empresa da família e dos muitos problemas que vieram a partir disso, ela viu sua família encontrar um rápido declínio em sua comunhão e nos valores que antes a sustentavam.

Esta era uma boa família, na qual todos conviviam bem. Todavia, eram – segundo ela mesma me relatou – muito materialistas e apegados ao dinheiro, e a base de sua comunhão estava no que eles possuíam e naquilo que o dinheiro os possibilitava desfrutar. Era uma comunhão de aparências, que tinha como alicerce o conforto que suas posses lhes ofereciam: eles não eram felizes por estar juntos como família, mas o centro de sua alegria era o dinheiro que lhes ofertava uma confortável condição.

Este casal fora criado em uma abastada condição financeira e, após a morte do pai desta mulher, herdaram uma grande e rentável empresa do bem-sucedido patriarca. No entanto, em virtude

de alguns sérios erros de administração e de uma intensa crise enfrentada pelo setor, a empresa veio a falir totalmente.

A partir de tal realidade, as brigas e acusações se intensificaram de forma assustadora entre o casal, e a insatisfação começou a tomar conta de toda a família. Ela se queixava constantemente e o acusava pelo mau gerenciamento da empresa. Ele, por sua vez, a acusava por nunca ter se envolvido no trabalho e por haver gastado demais. E o pior é que ambos tinham “razão” em tais observações...

As brigas entre eles se tornaram cada vez maiores e mais agressivas, a ponto de não conseguirem mais conversar pacificamente. Em pouco tempo, começaram a dormir em quartos separados e a não mais tomar as refeições juntos: ambos haviam se ferido muito com suas palavras e acusações, e a relação havia ficado muito tensa e desgastada.

Aos poucos, os filhos passaram a ser diretamente afetados por este péssimo clima dentro de casa e começaram a ter um declínio no desempe-

nho escolar, o que rapidamente chamou a atenção de seus professores. Um de seus filhos, um lindo garoto que na ocasião tinha sete anos, desenvolveu uma terrível doença alérgica que não encontrava cura em nenhum medicamento ou tratamento alternativo. Enfim, a situação de todos os membros da família começou a se complicar terrivelmente.

Um dia, após uma intensa discussão, veio a gota d'água entre o casal: eles partiram para a mútua agressão, chegando a machucar concretamente um ao outro. Após este fato, o esposo saiu de casa e foi morar com uma irmã.

Nossa protagonista sentiu-se muito triste e sordidamente fracassada, pois havia perdido o pai, sua empresa e o conforto que ela lhe oferecia, e agora estava vendo sua família entrar em um verdadeiro colapso – estava perdendo seu casamento.

Ela ficou vários dias extremamente triste e revoltada, culpando a tudo e a todos por seus sofrimentos e desassossego. No entanto, um dia, após chorar muito e refletir sobre sua vida e tristezas, ela caiu em si e concluiu:

Já perdi muitas coisas preciosas em minha vida e estou muito triste e decepcionada; no entanto, não quero perder minha família e meu casamento. Amo meus filhos e, apesar das feridas e mágoas, ainda quero viver ao lado do meu marido. Está difícil a minha vida em família, mas sem ela me sentirei pior... Eu amo minha família e quero criar e educar meus filhos junto com meu marido, não vou entregar minha família de “mão beijada” às realidades que buscam nos destruir. Vou me levantar e lutar!

Nossa protagonista começou, inicialmente, apenas rezando por toda essa situação e pedindo a Deus que lhe desse sabedoria e em tudo a guiasse neste esforço de restauração. Após algumas semanas de oração ela recebeu, um pouco espantada, a ligação de seu marido, dizendo que gostaria de visitá-los para ver os filhos (eles haviam perdido totalmente o contato).

O marido era uma boa pessoa; todavia, era um homem um tanto imaturo – um “meninão” mimado – que não havia sido formado para lidar com as responsabilidades da vida adulta.

Ele era um tanto infantil, impulsivo e inconsequente, o que acabou prejudicando toda a

família. Ela, por sua vez, havia sido uma pessoa muito fútil e displicente, que se preocupou apenas com sua aparência e *status*, gastando fortunas com roupas e acessórios, deixando de exercer sábia e ativamente sua função como mãe e esposa.

Ambos haviam cometido erros graves e tinham suas fragilidades. Porém, este sofrimento e as perdas intensas por ele geradas poderiam, se eles agissem com sabedoria, contribuir para o seu amadurecimento e crescimento como família.

Ele foi visitar os filhos e falou com ela de forma rápida. Após algumas outras visitas, eles decidiram conversar e chegaram a um inicial consenso: tanto esposa quanto esposo puderam falar, chorar, escutar e, ao final, mostraram-se dispostos a gradativamente se reaproximar. Após um extenso período de longas conversas e de várias visitas do marido, eles decidiram que era hora de ele voltar para casa. Ambos reconheceram seus erros e decidiram se ajudar mutuamente, lutando para reconstruir a comunhão da família.

De fato, para que a família possa verdadeiramente superar os desencontros, seus membros

precisarão cultivar uma honesta disposição para reconhecerem seus erros, reconciliarem-se com seus fracassos e então recomeçar, ainda que isso custe um desassossego momentâneo e um sacrifício pessoal. As crises conjugais não podem ser “enfrentadas de modo apressado e sem a coragem da paciência, da averiguação, do perdão recíproco, da reconciliação e até do sacrifício”.²⁶

Enfim, o esposo regressou para o lar e, após algumas semanas, começou a trabalhar no escritório de um amigo. Seu salário era bem menor; porém, era o que ele podia ter no momento. Mesmo com o pouco dinheiro que recebia, nosso personagem foi aprendendo a gerenciar melhor seus recursos, dispondo de sua remuneração para atender as necessidades de sua família.

Após algum tempo, ela também arranhou um emprego – um tanto modesto – e começou a ajudá-lo com as despesas de casa. Eles começaram a conversar mais sobre o orçamento mensal e sobre

²⁶ AL, 41.

como gastá-lo, e passaram a se ajudar e apoiar mutuamente. Foram crescendo em comunhão à medida em que subtraíram as acusações e enfrentaram as dificuldades juntos, administrando um orçamento mais reduzido, porém, utilizado em união para suprir as reais necessidades da família.

Sem dúvida, a vida deles passou a ser muito mais modesta e sem todo o conforto de antes. Todavia, essa família passou a ser muito mais unida e feliz: eles superaram as futilidades de antes e passaram a conversar mais, a rir e chorar juntos, a viver os momentos em família com muito mais prazer e intensidade. Afinal, como também escreveu o sábio Salomão: “É melhor um pedaço de pão seco em paz, do que uma casa cheia de manjares com discórdia”.²⁷

Aos poucos, seus filhos começaram a reagir e tiveram sua saúde e comportamento reestabelecidos. Enfim, essa família foi sendo restaurada e cresceu em comunhão. *E isso só foi possível porque eles, no*

²⁷ Pr 17,1.

momento da maior crise, em vez de ouvirem a voz de suas feridas e acusações, resolveram refletir e agir com sabedoria – sobretudo a esposa que, com sua reflexão e oração, abriu as portas para que a família encontrasse seu caminho de reencontro e comunhão.

É claro que eles tiveram que se abrir ao perdão e ao diálogo, agindo com generosidade e deixando as mágoas para trás. *No entanto, o momento de reflexão e tomada de consciência foi essencial para que a família não acabasse por ali*, sendo que uma atitude sem sabedoria e amargurada naquele momento acarretaria consequências de destruição irreparáveis para toda a família, conduzindo-os a um estado no qual a comunhão dificilmente poderia ser restaurada.

Este é um exemplo simples, porém concreto, da importância da sabedoria e da reflexão na vida familiar, a fim de que seja possível restaurarmos nossas famílias e trazermos luz às escuridades que ainda existem na vida dos nossos.

Recordo que a sabedoria é fruto da paciência, prudência e observação atenta da realidade; porém,

é antes e acima de tudo um dom de Deus. Peçamos a Ele tal virtude com insistência, a fim de que possamos contar com esta ferramenta muito útil em nossa estratégia de restauração de nossos lares.

Despeço-me deste capítulo deixando você com o sabor de dez preciosas dicas para um comportamento sábio na vida conjugal e familiar. São dez ferramentas simples e muito práticas: um precioso recurso a ser acrescentado em nossa estratégia de combate. Com certeza, elas poderão oferecer luzes, de modo que tenhamos condições de encontrar possibilidades inteligentes neste belíssimo itinerário de restauração.

Uma equipe de psicólogos e especialistas americanos que trabalhava em terapia conjugal elaborou “Os Dez Mandamentos do Casal”.²⁸ Eu irei apresentá-los aqui, já que trazem uma sabedoria prática e muito eficaz para a dinâmica da vida conjugal.

²⁸ Disponível em: <http://formacao.cancaonova.com/familia/10-dicas-para-viver-bem-um-relacionamento/> Acesso em 03.06.16.

1. Nunca irritar-se ao mesmo tempo

A todo custo evitar a explosão. Quanto mais a situação é complicada, mais a calma é necessária. *Então, será preciso que um dos dois acione o mecanismo que assegure a calma de ambos diante da situação conflitante.* É preciso nos convenceremos de que, na explosão, nada será feito de bom. Todos sabemos bem quais são os frutos de uma explosão: apenas destroços, morte e tristeza. O ideal é a que a explosão não aconteça; todavia, quando ela vier a acontecer, é preciso lutar para que não aconteça simultaneamente.

2. Nunca gritar um com o outro

A não ser que a casa esteja pegando fogo ...
Quem tem bons argumentos não precisa gritar. Quanto mais alguém grita, menos é ouvido. Gritar é próprio daquele que é fraco moralmente, e que precisa impor pelos gritos aquilo que não consegue pelos argumentos e pela razão.

3. Se alguém deve ganhar na discussão, deixar que seja o outro

Perder uma discussão pode ser um ato de sabedoria e de amor. Dialogar jamais será discutir, pela simples razão de que a discussão pressupõe um vencedor e um derrotado, e o diálogo não.

Portanto, se por descuido nosso, o diálogo se transformar em discussão, permita que o outro “vença” para que mais rapidamente ela termine.

Discussão no casamento é sinônimo de “guerra”, de luta inglória. Que vantagem há em se ganhar uma disputa contra aquele que é a nossa própria carne?

É preciso que o casal (e todos os membros da família) tenham a determinação de não provocar desnecessários desentendimentos: não podemos nos esquecer de que basta apenas uma pequena nuvem para esconder o sol.

Às vezes, uma pequena discussão esconde por muitos dias o sol da alegria no lar.

4. Se for inevitável chamar a atenção, faça-o com amor

A outra parte tem que entender que a crítica tem o objetivo de somar e não de dividir. Só tem sentido a observação crítica que for amorosa, sem acusações e condenações. *Antes de apontarmos um defeito, é sempre aconselhável apresentar três qualidades do outro. Isso funciona como um anestésico para que se possa fazer o curativo sem dor.*

5. Nunca “jogar na cara” do outro os erros do passado

A pessoa é sempre maior que seus erros, e ninguém gosta de ser caracterizado por seus defeitos. Toda vez que acusamos a pessoa por seus erros passados, estamos trazendo-os de volta e dificultando que ela se livre deles. Certamente não é isso que queremos para a pessoa amada. É preciso todo o cuidado para que isso não ocorra nos momentos de discussão. Nessas horas, o melhor é manter a

boca fechada. Aquele que estiver mais calmo, que for mais controlado, deve ficar quieto e deixar o outro falar até que se acalme. Não revidar em palavras, senão a discussão aumenta, e tudo de mau pode acontecer em termos de ressentimentos, mágoas e dolorosas feridas.

Para haver vida feliz no casamento, é preciso haver paz, e ela tem um preço: a nossa maturidade.

6. A displicência (descuido) com qualquer pessoa é tolerável, menos com o cônjuge

Na família, tudo o que é importante para o outro deve ser valorizado e visto com atenção, pois a felicidade nasce das pequenas coisas. A falta de atenção para com o cônjuge (ou demais familiares) é triste na vida familiar e demonstra desprezo para com o outro. Seja atento ao que seu cônjuge e demais familiares dizem, aos seus problemas e às suas aspirações. Procure notá-los e reconhecer seus avanços e progressos.

7. Nunca ir dormir sem ter chegado a um acordo

Se isso não acontecer, no dia seguinte o problema poderá ser bem maior. Não se pode deixar acumular problema sobre problema, sem solução. Já pensou se você usasse a mesma leiteira que já usou no dia anterior, para ferver o leite, sem antes lavá-la? O leite certamente azedaria. O mesmo acontece quando acordamos sem resolver os conflitos de ontem.

“Não se ponha o sol sobre o vosso res-
sentimento”.²⁹

8. Pelo menos uma vez ao dia, dizer ao outro uma palavra carinhosa

Muitos têm reservas enormes de ternura, mas esquecem de expressá-las em voz alta. Não basta amar o outro, é preciso dizer isso também com

²⁹ Ef 4,26b.

palavras, é preciso que o outro saiba que é amado. Especialmente para as mulheres, isso tem um efeito “quase mágico”. É um tônico que muda completamente o seu estado de ânimo, humor e bem-estar. Muitos homens têm dificuldade neste ponto: alguns por problemas de educação, mas a maioria porque ainda não se deu conta da sua importância. Como são importantes essas expressões de carinho e afeto que fazem o outro crescer...

9. Cometendo um erro, saber admiti-lo e pedir desculpas

Admitir um erro não é humilhação. A pessoa que admite o seu erro demonstra ser sincera consigo mesma e com o outro. Quando erramos, não temos duas alternativas honestas, apenas uma: reconhecer o erro, pedir perdão e procurar remediar o que fizemos de errado, com o propósito de não repeti-lo. Agindo assim, mesmo os erros e quedas concorrerão para o nosso amadurecimento e crescimento. Quando temos a coragem de pedir perdão,

vencendo o nosso orgulho, eliminamos quase de vez o motivo do conflito no relacionamento, e a paz retorna aos corações. É nobre pedir perdão!

10. Quando um não quer, dois não brigam

É a sabedoria popular que ensina isso. *Será preciso, então, que alguém tome a iniciativa de quebrar o ciclo pernicioso que leva à briga.* Tomar essa iniciativa será sempre um gesto de grandeza, maturidade e amor. E a melhor maneira será “não pôr lenha na fogueira”, isto é, não alimentar a situação conflitante. Muitas vezes, é pelo silêncio de um que a calma retorna ao coração do outro. Outras vezes, será por um abraço carinhoso, ou por uma palavra amiga.

Oração do Segundo Passo

Senhor, Tu sabes que nem sempre eu ajo com sabedoria, discernimento e reflexão e, exatamente por isso, muitas vezes tenho que colher consequências tristes e indesejadas

de minhas ações. Dá-me a graça de não mais agir impulsionado pela ansiedade e imediatismo: que eu tenha paciência e saiba em tudo agir com sobriedade e sabedoria.

Que eu não queira resolver os problemas apenas do meu jeito e com minha limitada forma de pensar, mas que eu aja sempre impulsionado pela sabedoria que me blindará e não permitirá que eu me equivoque ao longo do caminho.

Dá-me a sabedoria que é dom do Teu espírito: que eu saiba a hora de falar e a hora de calar, a hora de agir e a hora de esperar, a hora prosseguir e a hora de recuar. Que em tudo eu aja inspirado por Tua sabedoria e prudência, Senhor.

Que Tua sabedoria me leve a observar atentamente a realidade e a escutar mais as pessoas. Que ela me dê a pedagogia certa para lidar com cada um(a) em minha família.

Quero usar a arma da sabedoria em minha estratégia para restaurar meu lar: dá-me este dom, Senhor. Fortalece-me e ampara-me nesta luta pela cura e transformação dos meus.

Amém.

Terceiro passo: A reconciliação

*A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...
simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!*
(Mário Quintana)

INCIEMOS O TERCEIRO PASSO neste necessário processo de restauração de nossa família. Neste capítulo, discorreremos acerca da disposição prática que devemos ter, para viver continuamente a realidade da reconciliação em nosso contexto familiar.

Este é um recurso muito necessário para a saúde de qualquer relacionamento, muito mais do que podemos imaginar. Sem ele, nenhuma

família pode amadurecer e até mesmo sobreviver diante das “ventanias” que, no alvorecer das circunstâncias, visitam nossas vidas e interações.

Como afirmou Mário Quintana, a arte de conviver é uma realidade intensa, exigente e desafiante. No entanto, *mesmo diante de tantos desafios implícitos nesta prática, ninguém poderá ser realmente feliz e realizado(a) se isolar-se do mundo e não souber conviver bem com outras pessoas*. Precisaremos, inevitavelmente, de outras presenças para nos completar e dar sabor à nossa vida – sobretudo no contexto familiar. E a convivência, mesmo sendo um intenso desafio, é uma verdadeira necessidade e uma fonte de contentamento para cada um de nós.

Quando convivemos – de “com+viver”, viver junto – especialmente em família, fazemos a experiência de partilhar integralmente o que somos e de acolher o que cada pessoa é e tem a oferecer. Na convivência, nos deparamos com as virtudes mas, também, com as muitas fraquezas e limites daqueles(as) que conosco partilham mais de perto a existência. Quando dividimos uma

vida juntos, tudo fica mais intenso e, em algumas circunstâncias, nossas diferenças e feridas irão mesmo – implacavelmente – se chocar, dificultando a interação e fragilizando diretamente nossa capacidade de fomentar a comunhão.

É impossível que haja uma família na qual não existam diferenças, conflitos e imperfeições. *Todos somos frágeis e carregamos limites muito peculiares; entretanto, isso não nos define nem determina o que somos e o modo como viveremos (a resposta que daremos diante da vida)*. Poderemos sempre crescer e superar nossas fragilidades, sobretudo quando caminhamos juntos, compreendendo-nos e apoiando-nos mutuamente.

Não poderá existir família ou casamento sem feridas, marcas ou erros. As mágoas e desencontros, a partir da dinâmica dos dias, irão mesmo acontecer. Por isso, a reconciliação será extremamente necessária, a fim de que a família não estacione no que a feriu e possa sempre se restaurar.

Uma família que não se dispõe a perdoar e a viver a reconciliação terá muita dificuldade de se

manter unida e em pé, sendo facilmente derrubada pelas dificuldades e conflitos que em vários momentos a visitarão.

É fato que os fracassos na comunhão nos machucam; todavia, quando vivemos a reconciliação em família, todos podem crescer e amadurecer juntos, compreendendo a fragilidade de nossa humanidade. Afinal, todos somos fracos e propensos a errar... Através deste recurso (reconciliação), aprendemos a beleza da generosidade. Isso significa que podemos sempre oferecer uma nova chance a nós mesmos e ao outro coração, sabendo recomeçar através deste fantástico instrumental.

O perdão e a reconciliação que o segue serão sempre, além de um necessário remédio que restaura a comunhão familiar, um elemento extremamente pedagógico, que faz a família viver a superação em unidade (todos podem aprender juntos). *A reconciliação é o remédio que impede que os erros destruam a esperança de uma família feliz:* ela nos ensina lições lindas, revelando-nos que os defeitos e fracassos não devem ter a última

palavra e que, se tivermos a generosidade e a disposição para nos levantar e ajudar mutuamente, todos ganharemos e a família se tornará mais forte, superando suas crises e erros.

Sei que existem situações difíceis e complexas, nas quais a dor da mágoa ainda fala forte dentro de nós. Compreendo a dor de quem vivencia isso; contudo, saliento que, diante de tal circunstância, só temos duas alternativas: desistir e nos acomodar em nossas feridas – culpando as pessoas por toda a vida – ou lutar para superá-las através da reconciliação!

Quem deseja realmente lutar para não ficar a vida inteira “lambendo as próprias feridas” não poderá fazê-lo sem utilizar este fantástico recurso que é a reconciliação: uma verdadeira arma que não pode faltar na estratégia de quem deseja sinceramente transformar sua família.

A reconciliação é um auxílio poderoso na tarefa de reconstruir e curar nosso lar, trazendo vida e paz onde a tristeza gerou feridas e destruição. É ela que permite que um casamento (uma família) não acabe

após um desentendimento ou decepção. Ela oferece à família a possibilidade de recomeçar, deixando para trás as inconsistências e iniciando novos ciclos.

Ninguém é perfeito e sem defeitos. Todos precisamos compreender que somos falhos sim, contudo, através da experiência da reconciliação, teremos sempre a possibilidade de recomeçar, acolhendo – com respeito – nossa humanidade e a fragilidade que compõe a humanidade dos demais.

Quando trilhamos esse passo, temos a madura possibilidade de viver mais harmônicos com nossa verdade e com a realidade de nossa família. Assim, podemos compreender melhor os outros e a nós mesmos, superando os fracassos e nos humanizando mais.

Neste caminho precisaremos olhar para nós mesmos e nossas fragilidades, aceitando-nos com humildade, para assim poder também compreender com misericórdia as fraquezas que habitam os outros corações. Isso não poderá acontecer sem uma profunda reconciliação conosco mesmos e com nossa história pessoal, sem reconhecermos e

aceitarmos as inconsistências que nos fragilizam e se ocultam em nossa trajetória. Precisaremos cultivar a atitude de

rezar com nossa própria história, aceitando-nos a nós mesmos, sabendo conviver com nossas próprias limitações e inclusive perdoadando-nos, para assim podermos ter esta mesma atitude com os outros.³⁰

Precisamos nos acolher e aceitar, reconciliando-nos com as fragilidades de nossa história, para assim sermos capazes de exercer essa mesma realidade com aqueles que compõem nossa trajetória humana. Esse é um necessário passo para a ampla vivência da reconciliação que tem o poder de restaurar a comunhão em nossa família; afinal, *ninguém pode se reconciliar com um outro, se antes não se reconciliou consigo e com sua própria história, aceitando-se e acolhendo-se sinceramente.*

Existem outros aspectos desafiadores no exercício da convivência e, posteriormente, da reconciliação, os quais quero aqui – ainda que

³⁰ AL, 107.

de forma não aprofundada – abordar. Segundo vários terapeutas,³¹ *os problemas com a própria autoestima e a dificuldade na comunicação são os maiores desafios para a convivência e os maiores geradores de conflitos*, não só em família, mas em qualquer relação humana.

Será mesmo necessário promover essa reconciliação com a verdade de nossa história, *trabalhando e curando nossa autoestima* (a maneira como nos vemos e nos acolhemos) para que assim possamos, melhor trabalhados interiormente, lidar de forma mais harmônica e reconciliada com os outros. É fato que muitas das brigas e desencontros que vivemos com os outros acabam sendo, em grande parte das vezes, um claro reflexo de coisas mal resolvidas dentro de nós e em nossa autoestima, as quais acabamos externando em conflitos envolvendo os demais.

³¹ Aqui não quero citar nenhum teórico específico ou apenas uma linha psicológica, visto que minha abordagem é composta por várias fontes e por conceitos transdisciplinares, além de experiências pessoais e pastorais específicas.

Essas dificuldades acabam sendo uma projeção de realidades que não fomos capazes de resolver dentro de nós, envolvendo aspectos de nossa personalidade e história com os quais precisaremos nos reconciliar.

Será necessário revisitarmos nossos cenários interiores para perceber como lidamos conosco mesmos e com nossos fracassos, para aí trabalhar nossa autoestima e autoimagem. Assim, poderemos conviver bem e melhor aceitar os demais.

Não podemos nos acomodar e deixar que as feridas de nossa história nos subjuguem e conduzam... Será necessário olhar para nós e, literalmente, nos resolver conosco mesmos, para que assim possamos respeitar e acolher os demais. Afinal, quem não se respeita e acolhe não será capaz de fazer isso com outros corações...

Para alcançarmos êxito em nossa arte de conviver em família, será também necessário trabalhar e aprimorar nossa comunicação com aqueles que conosco convivem. Esses são aspectos importantes aos quais precisamos nos atentar.

A comunicação é um ponto essencial no processo de amadurecimento de nossa comunhão familiar, visto que, diante das exigências e embates do dia a dia, conviverá bem quem desenvolver a habilidade de se comunicar bem. O coração que se expressa bem e com clareza, no que gosta e no que não gosta, no que é e no que não é, evitará muitos desencontros desnecessários em suas relações. Evidentemente, essa comunicação precisa ser respeitosa, mas também clara, direta e objetiva, a fim de não entulhar mágoas e desafetos no coração.

Nossa comunicação em família precisa ser assertiva, levando-nos a resolver as pendências – olho no olho com nossos familiares – com transparência e sem rodeios, com o propósito de não deixarmos as emoções feridas crescerem e sufocarem nossa disposição de nos reconciliar.

Quem não sabe se comunicar bem e quer que os outros adivinhem o que se passa em seu coração tende a ser mais ressentido e a ocasionar muito mais desentendimentos nas interações familiares. Por isso, uma comunicação clara, que forma e informa os de-

mais, será essencial para que as interpretações errôneas não prejudiquem o fino tecido que comporta nossa comunhão familiar.

Alguns desencontros, como já afirmamos, serão inevitáveis e até “positivos”, visto que fugir constantemente de alguns conflitos necessários acaba sendo contraproducente. Esse comportamento só adia e aumenta o aspecto negativo do que precisa ser encarado e resolvido. Os desentendimentos nos mostram que há algo a ser harmonizado na relação, assim como uma dor no corpo mostra que há algo que precisa ser curado. Diante desse desassossego, precisaremos nos encarar, comunicando-nos claramente e exercendo a reconciliação.

Precisaremos, sim, encarar os conflitos necessários; entretanto, precisaremos igualmente ter discernimento para não gerar embates desnecessários, nascidos apenas de nossa ansiedade e inabilidade para nos relacionar. *Desencontros e brigas constantes e desnecessários desgastam e ferem nossas relações. Por isso, deveremos usar sempre o*

recurso da reconciliação para poder recomeçar após um erro. Da mesma forma, será preciso usar o recurso do discernimento para não repetir nem potencializar os motivos dos conflitos e desentendimentos.

Em sua carta magna para as famílias, a *Familiaris Consortio* (FC), o saudoso João Paulo II expressou uma belíssima compreensão acerca da realidade da comunhão e da reconciliação em família, que são de fato desafiadoras, mas geram uma alegria renovadora no coração:

A comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de fato, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação. Nenhuma família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agriem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar. Mas, ao mesmo tempo, cada família é sempre chamada pelo Deus da paz a fazer a experiência alegre e renovadora da “reconciliação”, ou seja, da comunhão restabelecida e da unidade reencontrada.³²

³² FC, 21.

Como bem expressou o santo polonês, a comunhão familiar só poderá se manter e crescer à custa de nossa disposição em viver continuamente o desafio – e, muitas vezes, o sacrifício – da reconciliação. No entanto, além do sacrifício exigido pela comunhão e pela reconciliação que a gera, essa experiência é descrita por ele como uma realidade “alegre e renovadora”. Sim, por mais exigente que seja, *a reconciliação é sempre uma experiência de alegria e de transbordamento da esperança em nossas famílias. Ela traz ressurreição onde o ódio e a dor haviam anteriormente imperado.*

Seria até mais fácil “trocar” o que não funciona, ao invés de lutar para consertá-lo. É assim que fazemos com os eletrodomésticos e vários utensílios pessoais em nosso tempo: descartamos os que têm algum defeito e compramos outros. Todavia, essa mentalidade do descartável não pode prevalecer em nossos relacionamentos familiares, pois neles, o mero “trocar” não resolverá o problema, nem gerará essa alegria renovadora. *Essa*

atitude do simples descarte diante dos problemas, com o tempo, acabará custando muito caro.

Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus. (...) *Mas quem usa os outros, mais cedo ou mais tarde acaba por ser usado, manipulado e abandonado com a mesma lógica.*³³

Todo relacionamento comportará dificuldades e, quando vivemos trocando as pessoas a fim de evitarmos os desgastes e problemas, acabaremos por ficar sozinhos e não encontraremos *a verdadeira alegria da “comunhão restabelecida e da unidade reencontrada”*. Se trocamos as pessoas hoje para fugir dos problemas, com toda a certeza reencontraremos esses problemas posteriormente com outros nomes e rostos, muitas vezes até piores e mais potentes que os anteriores.

João Paulo II ainda afirmou que a família é constituída qual uma “íntima comunidade de

³³ AL, 39.

vida e de amor, que tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, uma verdadeira comunidade de vida e de amor”.³⁴ Isso, sem dúvida, só poderá acontecer através do exercício da reconciliação, que possibilitará ao amor amadurecer e crescer, ao invés de simplesmente “trocar as peças” – em uma mentalidade descartável – que não se encaixem no baú de minhas exigências e expectativas. Assim, a família poderá progredir em unidade, tornando-se cada vez mais sólida e madura: uma verdadeira comunidade de amor!

Neste ponto, recorde-me da história de um homem que certa vez conheci. Ele sofreu muito até encontrar a eficaz estratégia para lutar pela restauração de sua família. Ele só pôde alcançar o êxito e construir essa comunidade de amor em sua casa quando encarou os conflitos de sua história e viveu intensamente a experiência da reconciliação.

Nosso personagem era alguém com uma grande tendência ao orgulho, e a guardar inin-

³⁴ FC, 17.

terruptas mágoas e dissabores em seu coração. Ele viveu uma experiência de muito sofrimento, ao perder sua mãe por ocasião de uma grave enfermidade. Pouco tempo após este doloroso fato, viu seu mundo desabar, ao receber de sua esposa a notícia de que ela queria se separar. Mesmo já tendo vários anos de casados e duas filhas, ela decidiu pedir o divórcio e queria sair de casa.

Tudo isso explodiu como uma bomba dentro dele. E, diante disso, a mágoa, a raiva e o ressentimento foram crescendo e maltratando intensamente seu coração. Ele esperava contar com o apoio de sua esposa. Ela, contudo, não sabendo lidar com suas muitas feridas e tensões internas, decidiu dissolver a já frágil comunhão que vivia em seu lar.

Não tire conclusões prematuras desta narrativa, nem julgue precocemente a esposa de nosso personagem. Este enredo possui mais variáveis do que parece.

Essa mulher não era uma pessoa de má índole; entretanto, em virtude de vários desencontros e

feridas ocorridos nessa relação, já muito desgastada, e da distância e frieza que se instaurou entre os dois, ela escolheu pedir a separação.

Esse homem ficou extremamente magoado e a culpou por suas feridas e por todas as dificuldades do mundo... Ele deixou que a mágoa o corroesse interiormente, até o ponto extremo de questionar sua própria existência e não querer mais viver.

Sua esposa, no fundo, não queria abandoná-lo, nem desistir de sua família. Mas, em virtude de não saber lidar com as feridas que o marido havia causado em seu coração, estava disposta a romper com ele. O que ela queira, na verdade, era conversar e resolver as muitas pendências e desarmonias que existiam entre eles. Nessa história, ambos haviam errado e se machucado muito, por vários fatores, fechando-se à experiência da comunhão. Eles precisariam reencontrar o caminho para recomeçar e restaurar sua família.

Ele a havia ferido muito com palavras de desafeto e humilhação, além de atingi-la com uma constante grosseria, manifestada sob vários

aspectos. Nosso protagonista era muito fechado a qualquer mudança e tinha muita dificuldade de conversar e reconhecer seus erros. Ele vivia sempre a atacar sua esposa com palavras, diminuindo seu valor e autoestima. Contudo, mesmo tendo errado muito e por muitos anos neste relacionamento, permanecia fechado e reticente, não reconhecendo seus erros, julgando-se injustiçado e se considerando a única vítima da situação.

Esse homem era alguém muito severo e possuía um temperamento extremamente difícil. Seu orgulho o fazia viver fixado em sua forma de pensar, sem permitir que ninguém o ajudasse ou propusesse uma forma nova de enxergar as coisas.

Após algumas conversas com ele, nas quais pude orientá-lo e conduzi-lo à experiência da reconciliação, percebi que em seu coração começava a surgir uma disposição para modificar alguns comportamentos. Ele era muito duro e até amargo; entretanto, estava sofrendo muito e queria logo resolver aquela situação, voltando para casa e restaurando sua família... Afinal, o sofrimento

e a dor são sempre ótimos mestres pra quem se permite aprender com eles.

No fundo, ele amava sua esposa e queria viver bem com ela e com a família. Todavia, não havia conseguido dar os passos necessários a essa restauração. Orientei-o a reconhecer os seus erros e a conversar com sua esposa, que esperava ansiosa por isso. Ela estava disposta a conversar e a reconstruir a comunhão, mas não queria que tudo voltasse a ser como antes, pois não tinha mais condições psíquicas e emocionais de viver daquela forma. Ela enxergou nessa circunstância uma oportunidade para restaurar a relação, pois, do contrário, ela não estaria disposta a continuar.

Ela esperava, ansiosa, que ele também chegasse a esse ponto, tornando-se mais maleável e aberto à mudança, para que eles pudessem tentar se acertar e recomeçar.

Enfim, após alguns dias, eles se encontraram e tiveram uma conversa franca, dura e libertadora, na qual puderam se expressar, lavaram muita “roupa suja” e, afinal, acertaram os pon-

teiros, vivendo a reconciliação. É óbvio que as fraquezas e defeitos de ambos não desapareceram definitivamente a partir disso, e eles precisaram ainda conversar e se reconciliar outras vezes. No entanto, esse primeiro passo de reconciliação e transparência inaugurou um novo caminho para que a comunhão pudesse ser reestabelecida entre o casal, ensinando um concreto e sempre disponível caminho de reconstrução.

A partir disso, eles puderam lutar juntos contra as fraquezas e defeitos que poderiam afetar novamente a comunhão, tendo consciência das possíveis brechas através das quais o mal poderia verdadeiramente regressar.

Nosso casal deu um lindo passo de reconciliação. Eles passaram uma “borracha” nos erros e desencontros que haviam vivido até então. Compreenderam que não estavam “prontos” e que não se casaram sabendo tudo; todavia, o passo de reconciliação fez com que eles amadurecessem juntos e construíssem mais sólida e realisticamente a sua interação enquanto casal.

A partir dessa experiência, eles passaram a se conhecer melhor, a partir da verdade de cada um, e começaram a se respeitar mais. Passaram a se comunicar de forma mais clara e não deixaram mais que entulhos e mágoas perdurassem por muito tempo em seus corações. Ambos puderam aprender com seus erros e fortalecer os laços de amor e cumplicidade que os havia unido.

Eles passaram a expressar melhor o que sentiam e sua interação começou a crescer. Resumindo, essa família foi restaurada e a comunhão entre eles foi reconstruída através da reconciliação. Hoje, eles têm muito mais maturidade no exercício de sua conjugalidade e vivência familiar: as dificuldades e problemas não acabaram, mas eles aprenderam a recomeçar a cada dia através da reconciliação e vivem muito mais unidos e felizes.

Esse é apenas um exemplo, de muitos que eu poderia apresentar, dos inúmeros benefícios gerados em várias famílias através da experiência da reconciliação. Entretanto, ele ilustra perfeitamente a realidade que estamos propondo neste passo.

Essa ferramenta foi essencial para que essa família fosse restaurada e para que a comunhão fosse restabelecida. Se não fosse a corajosa atitude da reconciliação, eles teriam simplesmente fugido dos problemas e, quem sabe, até procurado “uma outra pessoa...”. Isso teria sido apenas um paliativo, até os problemas antigos voltarem a acontecer, visto que, em muitos casos, o verdadeiro problema não está apenas no outro com o qual nos relacionamos, mas em nosso próprio coração, que precisa amadurecer e ser curado em vários aspectos.

Não adiantaria que esse homem “arranjasse” uma outra mulher, se antes ele não aprendesse a ser mais humilde, ordeiro e aberto a conversar e corrigir seus erros. De nada adiantaria que essa mulher entrasse em um outro relacionamento, se antes ela não aprendesse a se respeitar mais, expressando-se com mais clareza e colocando limites em sua relação, visto que ela era alguém que tinha muita dificuldade de dizer o que sentia e de se impor quando necessário.

Este é um princípio lógico: se eu não resolvo o problema e a limitação que há em mim, não adiantará apenas trocar de parceiro(a), pois as dificuldades irão inevitavelmente se repetir nos próximos relacionamentos, e a sombra da insatisfação estará sempre a me perseguir.

Será preciso transformar o próprio coração e resolver o que precisa ser resolvido no relacionamento. Do contrário, os problemas apenas mudarão de nome e lugar, mas serão sempre os mesmos. *Não é trocando de pessoa que eliminamos os conflitos e problemas... Para superar as dificuldades, será preciso sentar e conversar, procurando viver a reconciliação para, a partir dela, buscar modificar o que em nós também precisa se transformar.*

Faço votos de que você inclua largamente essa ferramenta em sua estratégia de combate e que sempre a utilize na tarefa de lutar para restaurar o seu lar. Persevere nessa prática, com transparência e sem medo. Com certeza, os frutos a serem colhidos serão abundantes e preciosos, e sua família experimentará uma alegria e uma comunhão

únicas, que serão fonte de paz e contentamento para seu coração.

Oração do Terceiro Passo

Senhor, dá-me a graça de não me prender às quedas e tropeços: que em Ti eu sabia sempre receber e dar o perdão, para poder recomeçar.

Eu não sou minhas fraquezas e pecados, isso não me define! Fui criado para crescer e progredir, e não vou desistir de lutar para ser uma pessoa melhor.

Peço-te agora, Senhor, que visites as realidades mais difíceis de minha casa e restaures minha família com Teu amor e misericórdia. Eu quero colaborar contigo nesta obra de restauração, dando passos de comunhão e de reconciliação em meus relacionamentos familiares.

Quero utilizar esta arma de combate, que é a reconciliação, como parte de minha estratégia. Não permitas que as feridas e decepções me impeçam de perdoar e pedir perdão: que eu não fique estacionado naquilo que passou. Dá-me a graça de ir pra fren-

te, sendo um facho de luz e um sinal de esperança em meu lar.

Quero viver e promover a reconciliação em meu lar: restaura minha casa e usa-me como Teu instrumento para isso, Senhor.

Amém.

Quarto passo: A oração

O poder da oração não depende de quem a faz, mas de Quem a ouve.³⁵

O QUARTO E IMPORTANTÍSSIMO PASSO rumo à restauração de nossas famílias é a oração. Ela é uma ferramenta fundamental em nossa estratégia de combate rumo à transformação ~~de~~ nossa realidade. Através da oração, chegamos a conquistas e vitórias que jamais alcançaríamos por outras vias: *nenhuma porta permanece fechada quando se usa a chave da oração para abri-la! Ela é a licença humana para a interferência divina.*

³⁵ Max Lucado.

No desafio de nossa vivência familiar, existirão circunstâncias e pessoas que não seremos – por nós mesmos – capazes de tocar e transformar. São situações conflitivas e complexas, envolvendo pessoas que estão fechadas e reticentes, e que por isso fazem com que fiquemos impossibilitados de auxiliá-las.

Em muitas circunstâncias, as maiores causas de nossos sofrimentos estarão ligadas aos membros de nossa casa que não reconhecem os próprios erros, nem estão dispostos a mudar. Pessoas que usaram mal sua liberdade e se prenderam a vícios e comportamentos errados, fazendo toda a família sofrer em virtude de suas más escolhas e atitudes. Por mais que amemos esses referidos familiares que estão no erro e os queiramos restaurar, chega um momento no qual nos percebemos totalmente impotentes, pois não somos capazes de “entrar em suas cabeças” à força, nem de obrigá-los a mudar sua forma de pensar.

Ao contrário, quando queremos mudar as pessoas “na marra”, os resultados são ainda pio-

res e nossa casa se transforma em um ambiente desarmônico e pesado, repleto de brigas e desentendimentos. Uma mudança forçada é somente exterior e não se sustenta por muito tempo... As verdadeiras mudanças só acontecem quando as pessoas são convencidas e transformadas de dentro para fora.

Nossos familiares que estão no erro não conseguem enxergar a verdade, e não são capazes de perceber nitidamente o mal que estão causando a toda a família. Eles permanecem como que cegos e escravos de seus vícios e escolhas malfeitas. Tornam-se “inocentes úteis” nas mãos dos inimigos – e do inimigo³⁶ por excelência – que trabalham para destruir as nossas famílias.

Diante de todos esses enredos e circunstâncias que não dependem de nós, a nossa única e melhor arma será sempre a oração. *Ela é o ventre que gesta o milagre em nossa família. Ela faz o que não podemos*

³⁶ O Diabo, autor e princípio de todo mal – o principal inimigo de nossas famílias, que busca destruir a harmonia e a comunhão em nossos lares.

fazer, vai aonde não podemos ir, toca e transforma quem não podemos tocar nem transformar...

Nossa oração abre espaço para que Deus entre e trabalhe em nossas famílias, atingindo as circunstâncias e pessoas que mais precisam ser restauradas e modificadas. Através dela, retomamos os “territórios perdidos” para o mal em nossa casa e vamos reconsecrando nosso lar e familiares a Deus, para que Ele assuma o controle daquilo que não conseguimos mais controlar, pois fugiu às nossas possibilidades.

Repito: a oração chega aonde não podemos chegar e atinge quem não podemos tocar por nós mesmos. Ela é um dos mais importantes instrumentos de combate na luta pela restauração de nossa família. *A prática da oração em família (todos juntos) ou pela família (intercessão) produz muitos frutos, incapazes de se esgotar.* Ela abre caminho para que alcancemos vitórias no campo espiritual, onde toda verdadeira guerra é travada, e faz com que essas conquistas espirituais se encarnem posteriormente no contexto material, que abrange a convivência e a realidade dos membros de nossa família.

Precisamos, urgentemente, abrir os olhos de nossa alma e coração para compreender o poder e o alcance de nossa oração. *A oração sincera e constante de uma mãe, de um pai, de uma filha(o), de uma avó(ô), de um familiar em prol do outro(a) possui um poder e um alcance admiráveis e imensuráveis.* Você precisa assumir isso e tomar posse do imenso poder que tem a sua oração! Sobretudo quando se trata da oração de intercessão por sua família e pelas realidades que são, aparentemente, impossíveis de serem resolvidas.

Como citei no primeiro capítulo deste livro, nossa luta não é – nem pode ser – contra os nossos familiares: se assim o for, estaremos seguindo a estratégia errada e iremos, aos poucos, implodir nossa casa. Nosso combate precisa ser em favor de nossos familiares, pela restauração e libertação deles, a fim de que sejam capazes de enxergar a verdade e se transformar. Nossa luta não será “contra os seres humanos de carne e sangue”,³⁷ mas contra o mal que deseja destruir nossa família e nossos familiares. Este

³⁷ Ef 6,10-20.

mal se infiltra sorrateiramente e sem que o possamos perceber; contudo, *a oração abre nossos olhos espirituais e nos faz enxergar quais portas precisamos fechar para que o mal não mais adentre a realidade de nossa casa.*

Definitivamente, existem coisas que não poderemos mudar por nós mesmos. Por mais que reclamemos, que nos façamos de vítimas, choremos e nos entristeçamos, existem realidades que fogem às nossas possibilidades e ao nosso poder de transformação. Reconhecer isso é sinal de sabedoria. Diante de tais realidades, ficamos frágeis e impotentes, e é justamente aí que entra o poder da oração, que pode fazer e transformar o que nós não podemos. Mas precisa ser uma oração confiante e perseverante, que pede, luta e combate, mas que espera que Deus aja ao Seu modo e ao Seu tempo, transformando todas as coisas.

É uma pena que muitos de nós ainda não descobrimos o alcance e a eficácia de uma oração sincera e perseverante. Lamentavelmente, muitos(as) ainda não descobriram a alegria e o prazer que há na oração, visto que através dela somos

capazes de participar da vida e da alegria de Deus. É preciso descobrir o contentamento que reside em uma verdadeira vida de oração, que nos restaura profundamente e que preenche nossos vazios mais profundos, que de outra forma não poderiam ser preenchidos. Afinal, como afirmou Dostoiévski, “há no ser humano um vazio do tamanho de Deus”, que nada nem ninguém poderá preencher.

É preciso assumir o poder da própria oração, que pode curar e transformar coisas que não seriam transformadas de outra forma. Deus sempre nos escuta quando rezamos de coração sincero, e nossa oração torna-se – em Suas mãos – uma poderosa arma de combate pela restauração e libertação de nossa família.

É claro que, para colher frutos abundantes, precisaremos praticar a oração com constância e perseverança. Não é no primeiro dia de oração que todas as coisas já irão mudar e acontecer... Será preciso rezar com insistência e determinação, na certeza de que, *a partir do momento em que meus joelhos se dobram para rezar, Deus já Se levanta e começa a combater pela restauração de minha família.*

Comparo a dinâmica da oração ao cultivo de alguma planta, como o milho, por exemplo. Quando você planta uma semente na terra, toda a vida e fecundidade do milho já estão ali, em potência, naquela pequena e modesta semente. Quando olhamos para a terra, percebemos que o milho ainda não cresceu e as espigas, logicamente, ainda não apareceram; contudo, a semente está ali e a natureza já está trabalhando. Será apenas questão de tempo, pois a semente depositada no solo, regada pela chuva e fecundada pelo sol, não tardará a crescer e a produzir muitos frutos.

O bom é que, de apenas uma semente, nascem muitíssimas outras. Já imaginou quantas sementes existem em uma só espiga de milho? Imagine quantas espigas um pé de milho não produz? Ou seja, aquela pequena semente gerou muitíssimas outras, tantas que fica quase impossível contá-las.

Assim também acontece com nossa oração: ela é semeada de maneira simples e discreta, muitas vezes até frágil ou cambaleante. Todavia, quando

vai crescendo e “tomando corpo”, produz frutos incontáveis que extrapolam as nossas expectativas e atingem pessoas e circunstâncias que nem éramos capazes de imaginar. Quando começamos a rezar, Deus Se levanta e começa a trabalhar, iniciando uma obra de libertação em nossa família. É preciso perseverar na oração, acreditando que através dela estamos lançando inúmeras sementes no terreno do coração de Deus, o território mais fecundo deste mundo!

Deus sempre colhe nossas lágrimas e orações como sementes. Ele sempre as multiplica no terreno da vida, abençoando nossa família e restaurando, gradativamente, os membros de nosso lar.

Essa não é uma prática mágica, instantânea, que não exige nenhum esforço de nós. Precisamos nos empenhar e insistir na oração pela restauração e libertação dos nossos. Deus quer nossa família livre, curada e feliz. Precisamos fazer nossa parte e assumir a parcela que é nossa neste verdadeiro combate pela nossa felicidade.

Ninguém pode ser feliz se não assume as rédeas da própria vida e não luta por sua felicidade.

Como dizia Guimarães Rosa: “Viver é algo muito perigoso...”. Pode até parecer engraçado, mas sim, viver bem é um desafio, e ser feliz em família o é ainda mais.

Seria muito mais fácil desistir ao invés de lutar, vivendo como um fracassado(a) que sempre reclama e culpa as pessoas e circunstâncias pela própria infelicidade. Encontrar culpados e ficar “no chão”, queixando-se a vida inteira, seria aparentemente mais fácil. No entanto, *você e eu não fomos feitos para viver como fracassados: Deus nos criou para sermos felizes e Ele quer que nos levantemos e lutemos por nossa família e por nossa felicidade.*

Precisamos ter a coragem de nos erguer hoje e combater em oração por nossa família, sobretudo pelas pessoas e enredos mais complexos e difíceis.

Existem inúmeras formas de rezar: recitando o terço ou o rosário, com a Sagrada Escritura – meditando os salmos ou outras orações da Bíblia –, conversando com Deus espontaneamente, praticando o louvor em agradecimento ao Criador, recebendo os sacramentos (que são uma fonte inesgotável

de oração e restauração), adorando o Santíssimo Sacramento e, sobretudo, participando da Missa e comungando.

São muitas as possibilidades através das quais podemos rezar. O importante é você escolher suas armas – sua forma de oração – e entrar de forma decidida neste combate. *Saiba que os frutos para você e sua família serão ricos e abundantes. Contudo, é preciso rezar todos os dias com empenho, para que assim você possa contemplar verdadeiros milagres em sua casa.*

Reze sem medo. Reze por seus familiares, por seu matrimônio, por seus filhos(as) e netos, por sua vida profissional e financeira, por seu futuro, por seus sonhos. Enfim, reze por todas as áreas de sua vida, consagrando-as a Deus constantemente. Quando rezamos e consagramos o que somos e vivemos a Ele, o mal não tem espaço para tocar e destruir aquilo que somos e o que nos pertence.

Seja constante e reze com disposição interior; você irá se admirar com as vitórias e alegrias que irá conquistar! A oração nos abre os tesouros das

bênçãos que Deus reservou à nossa família, e faz com que elas recaiam sobre nós. É uma experiência única e especial, que atrai inúmeras coisas belas e positivas para a nossa vida.

Como afirmou Santo Agostinho: “Vive bem, quem reza bem!”. Se queremos viver bem e restaurar nossa família, adentremos sem medo no combate da oração e não permitamos que a preguiça e o comodismo nos impeçam de rezar com afinco.

Encerro este quarto passo propondo um pequeno esquema de oração diária. Caso você ainda não tenha o hábito de rezar ou não tenha tempo para parar e rezar em seu dia a dia, esta simples proposta poderá ajudá-lo(a) a viver a oração em sua concreta realidade. Reze todos os dias, em qualquer circunstância e lugar. Utilize esta modesta proposta a partir do ritmo e das condições que sua rotina lhe apresenta.

Orações do Quarto Passo

Segue uma proposta objetiva de oração para todos os dias. Procure essas orações em sua Bíblia e as deixe marcadas.

1. *“Magnificat” (Lc 1,46-56)*
2. *Salmo 27*
3. *Oração da luta contra o mal (Ef 6,10-20)*
4. *Oração pedindo a Deus a sabedoria (Sb 9 – o capítulo inteiro)*

Conclua fazendo, todos os dias, a oração abaixo:

ORAÇÃO PELA RESTAURAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Senhor Jesus, Tu me conheces por inteiro e conheces a realidade de minha família. Sabes o quanto precisamos de Tua bênção e da ação de Tua misericórdia. Eu confio em Ti, e hoje invoco o Teu nome sobre todas as situações e pessoas da minha família.

Restaura minha casa, Senhor: realiza uma obra de profunda cura, libertação e restauração na minha vida e na vida dos meus.

Liberta a minha família de toda maldição, derrota e jugo hereditário que pese sobre nós. Desfaz, Jesus, em Teu nome, todo laço e consagração ao mal que, porventura, nos amarre. Lava-nos com Teu sangue e liberta-nos de todos os vícios e contaminações espirituais.

Cura as feridas no coração e na alma dos meus: tapa as brechas em minha família, Senhor. Liberta os meus familiares de todo ódio, ressentimento e divisão, e faça o Teu perdão acontecer em nossa vida. Liberta o meu lar de todo desamor, e faça Tua vitória acontecer em todas as áreas de nossa história. Abençoa profundamente todos os meus familiares, antepassados e descendentes.

Eu declaro que Tu és, Jesus, o único senhor de minha família e de todos os nossos bens. Eu consagro toda a minha família a Ti, Jesus, e a Ti, Virgem Maria: que nós sejamos sempre guardados e protegidos por Vós. Em Ti, Jesus, estará sempre a nossa força e vitória. Contigo queremos viver e, amparados por Ti, queremos sempre lutar contra o mal e o pecado, hoje e sempre.

Amém!

Quinto Passo: O diálogo

*O diálogo é uma modalidade privilegiada para viver, exprimir e amadurecer o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer um diligente aprendizado...*³⁸

O QUINTO E ESSENCIAL PASSO neste lindo e desafiante processo de restauração de nossa família é o diálogo. Diga-se de passagem que uma estratégia que vise a restauração de um lar, mas que despreze essa importante ferramenta, estará fadada ao fracasso. O diálogo é um recurso essencial no processo de reconstrução da comunhão em nossos lares, sendo uma arma eficaz na estratégia de alguém que combate pela transformação de sua família.

³⁸ Papa Francisco. AL, 136.

Como afirmou o Papa Francisco, “*apenas aqueles(as) que dialogam são capazes de construir pontes e derrubar muros*”. Esta é uma bela e exigente verdade. É claro que as feridas nascidas das decepções, desarmonias e mágoas em família constroem verdadeiras muralhas entre nós e os membros de nossa casa. Tais realidades nos desgastam e fragilizam nossa capacidade de dialogar, fazendo com que evitemos o contato com aqueles que nos ferem ou feriram. Todavia, é imprescindível compreender que a disposição para estar próximo e dialogar é um requisito indispensável para lançarmos as bases de uma verdadeira restauração, derrubando muralhas e edificando pontes rumo à cura das feridas que nasceram em nossos relacionamentos.

Dialogar não é apenas falar. Muito menos, apenas reclamar e se queixar constantemente. *O verdadeiro diálogo pressupõe uma interação entre almas e universos diferentes; propõe paciência, escuta, encontro e partilha de si mesmo.*

Para realmente dialogar, precisamos pôr de lado todo preconceito e fechamento em nosso

ponto de vista, para assim buscar compreender o mundo a partir da ótica e percepção do outro coração. Sei que isso, teoricamente, parece simples. Na prática, no entanto, não o é. Haja vista que, em muitos casos, nos relacionamos com pessoas difíceis e ensimesmadas, que já nos machucaram em inúmeras circunstâncias e que não demonstram uma sincera disposição para conversar ou partilhar.

Sei que os cenários práticos que envolvem a realidade de nossas famílias são, muitas vezes, complexos e desafiadores. Eles exigirão de nós empenho e uma verdadeira luta para superarmos nossas feridas e nosso comodismo. Contudo, quero partilhar aqui, honestamente, que não existe qualquer pílula ou receita mágica para restaurar e transformar a própria família: toda restauração exigirá empenho e disposição, e consistirá em uma verdadeira batalha para transformar as realidades, sobretudo aquelas que estão presentes dentro de nós e em nossa forma de enxergar.

Não tenho o direito de aqui prometer soluções mágicas e que não exijam esforço; sei que este

tipo de proposta agrada mais e acaba fazendo mais sucesso... Todavia, elas não funcionam e acarretam, com o tempo, apenas tristeza e frustração. Quero respeitar seu dilema e as dificuldades de sua luta familiar, mas não quero, de forma alguma, ser desonesto com você.

Partilho com sinceridade que é sempre possível restaurar e curar a própria família; eu mesmo já vivi isso em meu lar. A partir do momento em que eu fui mudando minhas atitudes dentro de casa e modificando minha forma de enxergar meus familiares e de me relacionar com eles, verdadeiros milagres começaram a acontecer e toda a minha família começou a ser restaurada.

Não proponho algo que eu não tenha vivido ou experimentado. Tenho a sincera certeza – por estudo, observação prática e experiência – que esses passos aqui propostos poderão, de fato, levar-nos a uma concreta restauração da alegria e da comunhão em nossa família. No entanto, isso não poderá acontecer sem empenho e disposição de nossa parte e, acima de tudo, disposição para

mudarmos algumas de nossas atitudes, percepções e comportamentos no ambiente familiar.

Essa restauração familiar dependerá muito de nós, que precisaremos entrar verdadeiramente e com disposição nesta batalha, lutando com as armas certas. Quem entra em uma guerra sem disposição para lutar já começou a perder...

Não existem soluções fáceis e instantâneas para problemas complexos e difíceis. As soluções precisam ser gestadas e construídas gradativamente, com maduras e renovadas atitudes, a fim de que as vitórias nos alcancem ao longo do caminho.

Caso o leitor(a) não tenha a mínima disposição para lutar, nem para mudar sua postura dentro de casa, aconselho que não prossiga essa leitura. Pois a proposta deste livro, sem a sua interação e correspondência ativa, não encontrará eficácia nem resultados consistentes. No entanto, nutro a convicta intuição de que, se você pegou em suas mãos este livro e se interessou pelo tema aqui proposto, é porque em seu coração já existe uma sincera disposição de lutar por você e por

sua família. Mesmo que ainda não perceba, este desejo de ser melhor e de restaurar os seus já está em você. Entretanto, cabe a você despertá-lo e trazê-lo cada vez mais à tona.

Saiba que sua disposição e empenho tem o poder de realizar milagres e restaurações maiores do que você possa imaginar, em sua vida e na vida dos seus. Milagres que surgem de forma ordinária, sem grandes barulhos ou alardes, que nascem a partir das coisas simples e comuns do cotidiano. Afinal, como dizia Guimarães Rosa: “Quando nada acontece, há um milagre que não vemos...”.

Pois bem, prossigamos nossa reflexão acerca da capacidade de dialogar.

Por mais que os desafios em sua prática sejam grandes, e são, o diálogo nos aproxima do coração de nossos familiares, derrubando inúmeros muros que, muitas vezes, nem tínhamos consciência que estavam ali. Muros que nasceram pelo descaso e indiferença, pelo egoísmo, por desencontros nos pontos de vista, por constantes e imaturas cobranças, por palavras duras e sem afeto, por falhas na

comunicação... Pequenas coisas que vão se ajuntando dentro de nós e, sem que percebamos, vão nos afastando de nossos familiares e fragilizando a comunhão dentro de nossa casa.

São desafios muito concretos que vão esfriando nosso amor em família e que, aos poucos, retiram de nós o gosto e o prazer de conviver dentro de casa. Todavia, temos este simples e eficaz remédio que age especificamente na raiz de tais realidades, diminuindo distâncias e reconstruindo a comunhão dos corações. É um “remédio” simples que, se utilizado regularmente, torna-se muito eficaz.

Todo remédio, para gerar a cura e o restabelecimento da saúde, precisa ser tomado com disciplina e constância, nos horários e formas estabelecidos pelos médicos. Se assim não o for, ele não surtirá o efeito desejado. O que verdadeiramente cura um doente não é tomar o remédio apenas uma vez, ou no momento em que ele julgar necessário: assim o tratamento não funciona. O que realmente traz a cura e o restabelecimento é a regularidade e a fidelidade no tratamento.

Da mesma forma acontece com o diálogo. Este remédio não deve ser usado sem disciplina e regularidade, apenas uma vez ou apenas nos momentos que quisermos. Ele é um “medicamento” que precisa ser usado constantemente, ainda que em alguns momentos não seja agradável utilizá-lo (assim como acontece com muitos remédios).

Muitas vezes, temos que nos forçar a tomar um determinado medicamento do qual não gostamos ou não temos a disposição de usar. No entanto, sabemos que precisamos usá-lo de forma periódica, a fim de que sejamos curados e possamos viver uma vida saudável e em paz. Em muitos casos será muito melhor suportar a dureza do tratamento, que é transitório, do que o constante desassossego da doença – que, se não for devidamente tratada, tona-se permanente.

Se o diálogo não for usado com constância em nossos lares e se não insistirmos com perseverança neste tratamento, criando – ainda que a duras penas – o hábito de dialogar em família, não teremos eficácia no procedimento rumo à

restauração de nossa casa. Lembre-se: *a cura não acontecerá se tomarmos o remédio apenas algumas vezes e de forma aleatória; o que traz a verdadeira cura é a constância no tratamento, utilizando o medicamento com fidelidade.*

Ou criamos o costume de utilizar um determinado medicamento, ou não seremos fiéis ao tratamento e, conseqüentemente, não alcançaremos cura e restauração. Neste aspecto, o tratamento depende muito de nós. Essa analogia com o uso dos remédios vale muito para o processo que aqui proponho. Tanto para o remédio do diálogo, como para os outros passos que apresentaremos: se não houver fidelidade e constância não haverá, em contrapartida, restauração e libertação em nossa família.

Quando gastamos tempo dialogando com alguém de nossa casa – um diálogo respeitoso e inteiro, que não divide a atenção com o celular, o computador ou a TV – estamos “enviando” a essa pessoa – ainda que inconscientemente – a mensagem de que nos importamos com ela e que

ela ocupa um lugar especial dentro de nós. *Nós não imaginamos o que nossa atenção e cuidado, sinceramente dispensados aos nossos familiares, são capazes de neles realizar. É um verdadeiro milagre simples e prático, que extrapola muitas de nossas expectativas.*

Quando nos empenhamos e gastamos tempo na atividade de conversar com nossos filhos(as), cônjuge e demais familiares, respeitando a opinião e as peculiaridades de cada um, isso vai pouco a pouco subtraindo distâncias e aumentando a proximidade entre os corações.

Quando as pessoas se sentem amadas, importantes, ouvidas, em seus corações nasce um sincero estímulo para mudar para melhor e transformar seu comportamento. *Nossa atenção dispensada com amor no ato de dialogar é capaz de ressuscitar muitos de nossos relacionamentos familiares.* Faça essa experiência dentro de casa – escutando e falando de si – e com certeza você se surpreenderá com os frutos que irá colher.

Dialogar significa falar mas, sobretudo, ouvir. A cada dia mais me convenço de que a escuta é

uma verdadeira atitude de amor para com o outro. *A escuta afetiva e ativa é um ventre que gesta a empatia e a sincera harmonia entre diferentes corações.* Escutando eu me doo ao outro e revelo a ele(a) que o considero importante para mim. Ouvindo-o(a) eu permito que ele(a) compartilhe seus sonhos, anseios e angústias, dividindo seus reais desejos e necessidades com meu coração.

Quem se percebe escutado vai, pouco a pouco, sentindo segurança e abrindo-se à interação profunda nessa relação, pois percebe-se amado(a) e possuidor de um futuro que merece acontecer do jeito certo. O amor nos estimula a quereremos ser felizes!

Infelizmente, são muitas as realidades que procuram nos distrair e desestimular no exercício de dialogar e de ouvir as pessoas. Sei também que muitas vezes convivemos com pessoas difíceis e não muito abertas ao diálogo; todavia, quando estimulamos essa prática em nosso enredo familiar com iniciativas de escuta e empatia, vamos nos aproximando das pessoas e sendo instrumentos para a cura de muitos vazios que habitam seus corações.

Todo ser humano se sente, em alguma medida, só. Todos têm necessidade de afeto e atenção. Por isso, quando ativamente escutamos e falamos de nós, começamos a tocar as necessidades mais profundas das pessoas, criando um ambiente de acolhida e segurança capaz de tocar e transformar os corações.

Contudo, para ser eficaz, o diálogo exigirá uma sincera atenção de nossa parte. Vivemos em um tempo no qual muitos(as) vivem sempre apressados e com muita coisa para fazer, ou perenemente conectados... e por isso acabam não tendo disposição nem tempo para realmente ouvir e conversar dentro de casa. Isso prejudica muito a comunhão familiar, fazendo com que as distâncias e muralhas aumentem cada vez mais.

As distrações que temos diante de nós são inúmeras, sobretudo no universo tecnológico e virtual. Todavia, é certo que

(...) as tecnologias de comunicação ou distração estão cada vez mais sofisticadas. Bem utilizadas, elas são úteis para pôr em contato os membros da família que estão longe. Mas deve ficar claro que não subs-

tituem nem preenchem a necessidade do diálogo mais pessoal e profundo que requer o contato físico, ou, pelo menos, a voz da outra pessoa.³⁹

Neste ponto, todos precisamos nos analisar, observando como tem sido a qualidade de nosso diálogo e escuta do outro em família: temos conseguido exercê-los, ou a internet e as tecnologias – que deveriam nos beneficiar – estão nos roubando de nossa família e do convívio curativo que deveríamos ter?

Todos precisamos nos empenhar na atitude de exercer o diálogo, que compõe a escuta, investindo tempo e energias nisso. Precisamos ter momentos juntos – ainda que sejam breves – e precisamos conversar, falando sobre o que sentimos e vivemos, também escutando os outros corações. Isso é essencial para a vida e sobrevivência de nossa família e relacionamentos.

O diálogo gera proximidade e cria um verdadeiro clima de família. Sem diálogo, apenas

³⁹ AL, 278.

moramos juntos, como em uma república escolar; é a partilha cotidiana da vida que nos faz família e nos dá cumplicidade.

As tensões e dificuldades mais agudas que envolvem a família devem ser resolvidas através do diálogo, com paciência e transparência, não através da indelicadeza ou do silêncio. Quando nos fechamos e não conversamos sobre os problemas e tensões, fingindo que eles não existem, vamos edificando um muro de indiferença e rancor que nos endurece, torna gélida a nossa relação e nos afasta cada vez mais daqueles(as) que amamos.

A produtiva ferramenta do diálogo nos re- aproxima dos nossos, levando-nos a não fugir dos conflitos que são inevitáveis e, em alguns momentos, até necessários. Este instrumental nos leva a compreender o que realmente se passa no coração do outro(a), fazendo-nos ganhar espaço na vida e nos sonhos daqueles que convivem conosco. Assim, destroem-se as barreiras que nem presentes, nem compensação alguma, poderiam derrubar.

Através do diálogo, percebemos que somos mesmo diferentes uns dos outros, mas que temos igualmente muita coisa em comum – às vezes, muito mais do que imaginávamos. Ele constrói pontes que aproximam os corações, destruindo os muros que o desafeto e o descuido fizeram questão de levantar.

O diálogo aberto e empático (sinceramente interessado no outro) é essencial na vida conjugal. Marido e mulher, antes de tudo, precisam ser amigos e gostar de conversar. Ambos precisam falar e se ouvir mutuamente.

O esposo precisa conhecer sua esposa e, sobretudo, conversar com ela. Ambos precisam cultivar a paciência e a disposição para, aos poucos, ir trazendo à tona o que se oculta no interior do outro, através desta simples e eficaz ferramenta de interação.

Marido e mulher que têm o hábito de dialogar dificilmente se tornam distantes e “estranhos” um ao outro. Eles não se desunem facilmente. O diálogo aconchega as desarmonias do coração,

fazendo com que cada um se sinta acolhido(a), aceito(a) e realmente acompanhado(a) na relação. Isso gera cumplicidade e alegria em compartilhar a vida.

Os pais também precisam cultivar a disposição para dialogar com seus filhos (vice-versa), ouvindo-os e falando de si para eles. Precisam estimular o hábito de expressar saudavelmente os sentimentos e aspirações em família, pois isso cria um clima de acolhida capaz de curar muitas das feridas que os desencontros e marcas de nossa história ocasionaram.

Com certeza, se os pais ouvissem mais seus filhos e dialogassem com eles desde crianças, diminuiriam muito os problemas apresentados por inúmeros adolescentes e jovens, sobretudo envolvendo atitudes de revolta, agressividade e rebeldia – as quais, muitas vezes, são apenas uma forma carente de chamar a atenção dos pais.

Dialogar é ouvir, prestar atenção, cercar de carinho e acolher a verdade do outro. Isso cura a ferida de carência e necessidade de afeto presente

em todo ser humano, sobretudo nas primeiras fases de sua vida (infância e adolescência).

Os pais não devem ter medo de conversar sobre tudo com seus filhos(as), principalmente sobre os assuntos mais complexos e que mais podem dar margem a errôneas interpretações. Eles devem conversar sobre amizades, sobre o sentido do corpo e da sexualidade, sobre o perigo dos vícios, sobre as amizades, sobre as virtudes a serem cultivadas, sobre as realidades que compõem a história da família etc.

O diálogo ativo e empático ativa regiões específicas de nosso cérebro, fazendo com que nos sintamos percebidos, notados e amados e, justamente por isso, estimulados a nos tornar pessoas mais amáveis e que se expressam bem.

Quem realmente quer dialogar luta para falar e escutar livremente, sem ser dominado pela agitada preocupação com o celular ou com compromissos posteriores. *Quem sinceramente quer dialogar luta para ser inteiro e não se dispersar.*

Ressalto, também, que dialogar não significa, de forma alguma, alienar-se para agradar os demais.

Para crescer em sua prática, é preciso aprender a se expressar com sinceridade, dizendo sim e dizendo não com clareza. Quem dialoga precisa saber expressar sua identidade, posicionando-se livremente com relação às suas opiniões. Precisa saber corrigir, quando necessário, com firmeza e objetividade; todavia, sem perder o carinho e o afeto.

Em síntese, esta é uma ferramenta fantástica e muito produtora, que precisa necessariamente constar em nossa estratégia de combate pela restauração de nossa família. Não tenhamos receio de, independentemente da circunstância, introduzi-la em nossa dinâmica cotidiana. Ela deve ser exercida constante e respeitosamente em nossa casa. Com certeza, será um instrumento essencial no processo de reforma e restauração deste edifício que é o nosso lar, gerando uma nova alegria e qualidade em nossa convivência familiar.

Façamos juntos a oração deste quinto passo:

Oração do Quinto Passo

Senhor, muitas vezes meu orgulho, prepotência e vaidade me impedem de “dar o braço a torcer” e de

ir ao encontro de meus familiares. Em muitas circunstâncias fico preso em meu egoísmo, e não dou passos na direção da restauração da minha família. Quebra hoje o meu orgulho, Senhor, e dá-me humildade para recomeçar e para abrir-me aos meus familiares.

Ensina-me a dialogar: a ouvir e a falar dentro de minha casa, com respeito e sinceridade. Dá-me a graça de saber respeitar os meus, sendo inteiro com eles na atitude de os acolher e escutar.

Liberta-me de todas as distrações e ansiedades que não me deixam ter qualidade na arte de dialogar com minha família. Dá-me o dom do diálogo empático e ativo, que sabe falar de si e acolher o outro coração com disposição e sinceridade. Renova em mim a disposição de amar e de lutar pela restauração dos meus.

Sei que o Senhor me escuta e que caminha comigo, sustentando-me nas lutas de cada dia. Agradeço-te porque o Senhor tem um projeto de felicidade para mim e para minha família. Amém.

Sexto Passo: A criatividade

INCIAMOS AGORA NOSSO PENÚLTIMO passo, no qual refletiremos sobre um recurso aparentemente simplório mas que, de maneira bem objetiva, é capaz de fazer uma grande diferença na luta pela restauração de nossas famílias. Esta ¹⁴¹ ferramenta a ser acrescentada em nossa estratégia é a criatividade.

Essa é uma virtude que, além de ser um substantivo feminino, é definida como a *capacidade de ter inventividade, inteligência e talento (natos ou adquiridos) para criar, inventar e inovar*. É um potencial criativo que consiste em encontrar mé-

todos para executar tarefas comuns de maneira nova ou diferente da habitual.

Esse recurso, como apresentado acima, pode ser nato ou adquirido, ou seja, pode ser uma aptidão natural ou pode ser conquistado através de nosso esforço e iniciativas. Nós o conquistamos quando treinamos o coração para o seu exercício e nos desacomodamos, buscando fazer de forma nova – e melhor – as realidades simples e corriqueiras de nossa vida familiar.

O criativo não se acomoda com o que fez ou conquistou até então. Ele(a) sempre reexamina o próprio comportamento, buscando formas de melhorar e aprimorar sua conduta no universo familiar. Ele(a) é um verdadeiro insatisfeito – no bom sentido do termo – que sempre busca inovar e progredir em seu jeito de se relacionar e conviver com os seus.

A criatividade é uma capacidade fantástica e necessária para a saúde de qualquer relacionamento, visto que oxigena nossas interações e traz um novo sabor ao que somos e fazemos. Ela não permite que nos fechemos em nossas razões e em

nossa maneira de realizar as coisas, sendo um concreto remédio que não nos deixa cair nas terríveis garras de uma rotina sem alma.

Uma injeção de ânimo e criatividade é sempre capaz de restaurar o ambiente de qualquer família e a dinâmica de qualquer relacionamento. Por isso, será preciso investir em tal capacidade, a fim de que vivamos as realidades antigas – e quem sabe já desgastadas – de maneira nova, inteligente e repleta de esperança.

A criatividade é realidade essencial para a harmonia. Ela nos liberta do “sono comodista” que nos torna cegos para perceber os pontos frágeis de nossa família. Essa ferramenta faz com que lutemos para renovar nossos métodos e forma de agir, sem apenas assistir – como meros espectadores – a ruína de nossos relacionamentos mais caros. *O criativo(a) procura jeitos novos de dizer e fazer coisas antigas e iguais, coisas que até precisam ser ditas e repetidas.* Isso é realmente importante para que as pessoas que convivem conosco se sintam mais motivadas e entendam melhor o que dizemos e o que elas precisam fazer.

A ação criativa no convívio familiar estimula reações positivas. Quando os membros do lar são surpreendidos por iniciativas criativas, sentem-se estimulados a crescer e a reagir com atitudes mais pacíficas e harmônicas.

Existem muitas realidades que são inimigas do progresso de nossa comunhão, muitas das quais podem até passar despercebidas aos nossos olhos, mas, mesmo na discrição, são capazes de causar um impacto de acidez e amargura sobre nossos relacionamentos. Cito duas dessas realidades, que são a indiferença e a preguiça – manifesta no comodismo.

Elas vão entrando na dinâmica de nossa convivência sem que nos atentemos e, aos poucos, furtam de nosso coração o desejo de darmos o melhor de nós àqueles que compõem nossa família. Assim, ficamos sempre na média – isto é, vivendo de forma medíocre, não somos capazes de surpreender nossa família com iniciativas de cuidado e afeto, e não vivemos nossa interação de maneira alegre e dinâmica. Ficamos acomodados

e, conseqüentemente, perdemos o prazer de estar em família.

A preguiça nos insere em uma terrível acomodação relacional que nos leva a sempre esperar tudo dos outros, fazendo-nos exigir que eles nos “engulam” como somos ou estamos – muitas vezes, em nosso pior estado – e se contentem com os “restos” que insistimos em compartilhar.

O preguiçoso torna-se indiferente à realidade pessoal dos membros de sua casa e à vida de sua família. Ele(a) se acomoda e prefere, como diz o provérbio chinês, “amaldiçoar a escuridão em vez de acender uma vela”. Ele(a) reclama dos desafios e dificuldades presentes em casa; no entanto, não “move uma palha” para ser melhor e injetar o mínimo de ânimo e novidade no ambiente familiar.

O(a) indiferente/acomodado não enxerga novas possibilidades de abordagem e interação em família, e não percebe que podem existir outras formas – talvez até mais eficazes – de envolver a família, motivar a convivência e lutar pela comunhão.

Diante de nossos problemas e lutas em família, a preguiça, a indiferença e a reclamação só irão piorar a situação. É preciso visitar e revisitar o coração, perguntando honestamente a si mesmo: Será que eu já esgotei todas as minhas possibilidades e fiz tudo o que eu podia para motivar e restaurar minha casa? Tenho procurado motivar os membros de minha casa, relacionando-me de forma criativa? Tenho permanecido acomodado, ou tenho procurado promover momentos de comunhão e partilha em família? O que tenho feito para tornar minha casa um ambiente melhor, mais harmônico e feliz?

A criatividade nem sempre exigirá dinheiro ou recursos complicados; ela pode ser exercida através do simples e do comum, ou seja, no tempo de que dispomos e através daquilo que temos em mãos. Não será preciso, por exemplo, gastarmos um dinheiro que não temos dando uma grande festa em nossa casa toda semana, a fim de que sejamos considerados realmente criativos e possamos envolver os nossos.

Essa virtude é, tão somente, aquilo que extrapola o comum e sai do óbvio. Ser criativo é ir além do óbvio e surpreender, criando um ambiente harmônico a partir das possibilidades que temos em mãos. Por exemplo: se você não pode levar seus filhos para almoçar fora todos os finais de semana, prepare a refeição e a mesa de forma criativa e diferente, deixando, quem sabe, uma frase motivacional (ou bíblica) em nome de cada um(a) ao lado do prato, ou colocando guardanapos – aqueles simples, de papel – coloridos, identificados com os nomes em cada lugar ou, ainda, motivando uma partilha sobre algo que seja importante para vocês antes da refeição, por exemplo: Hoje todos vão falar um pouco sobre um sonho que têm e que um dia gostariam de realizar, ou sobre como foi sua semana ou, da mesma forma, sobre qual a comida que você mais gosta etc.

A casa e o almoço/jantar serão os mesmos de muitas outras ocasiões; contudo, o contexto e a dinâmica serão outros, e isso sem dúvida ajudará a envolver os membros da casa. *É fato que todo ser*

humano precisa, necessariamente, ser constantemente motivado e estimulado para bem reagir, em qualquer ambiente; do contrário, ele tende a se acomodar e a desenvolver uma parcela muito pequena de seu potencial.

O que atesta isso é o altíssimo investimento que muitas empresas e multinacionais realizam atualmente, trazendo palestrantes e recursos motivacionais para estimular seus colaboradores. Essas empresas perceberam que este é um investimento imprescindível, que tem efeitos extremamente positivos sobre toda a produtividade da instituição. Gasta-se dinheiro e tempo nessas ações, mas elas têm um retorno objetivo, aumentando a produtividade e proporcionando uma melhor interação no ambiente profissional.

Todos precisamos ser constantemente motivados e estimulados, para que demos respostas à altura do que nos é proposto e exigido, e correspondamos dando o melhor de nós. E isso se percebe, principalmente, no enredo e universo familiar.

Pode parecer algo até simplório e comum; todavia, a criatividade é uma ferramenta surpre-

endente, que oxigena nossos relacionamentos, trazendo um “novo ar” a todas as coisas. Ela pode trazer uma nova saúde para toda a dinâmica de interação familiar, libertando a família da mesmice e dos desgastes da rotina.

Certa vez, li a respeito de uma pesquisa muito interessante, que analisava o impacto positivo dessas pequenas iniciativas criativas no convívio familiar, constatando que os resultados são, de fato, surpreendentes e muito eficazes. Esses simples recursos acabam criando um novo e melhor ambiente para toda a família, gerando nos membros da casa um prazer em estar juntos e conviver.

Recordo-me também da história que certa vez pude ouvir de uma mulher que, após alguns anos casada, viu-se viúva, com três filhos para criar. Naturalmente, ela se sentiu insegura e sem condições de corresponder sozinha a todas as necessidades afetivas e materiais de seus filhos. Seu coração experimentou um grande receio de falhar como mãe, de não conseguir ser a presença ativa de que seus filhos precisariam. No entanto,

aos poucos ela foi encontrando caminhos para envolver sua família, com uma dinâmica muito peculiar, através da criatividade.

Após alguns conflitos e desencontros com seu filho mais velho, que estava na adolescência, ela começou a empreender algumas simples iniciativas para promover um maior entendimento e comunhão entre todos os membros da família. Em um momento de reflexão, ela teve uma inspiração e criou aquilo que depois chamou de “dia da família”: era um dia da semana comum, mas com um momento inteiramente dedicado à família. Inicialmente, era uma noite de terça-feira com pizzas e um filme para todos assistirem juntos. Após o filme, eles conversavam um pouco e falavam sobre sua semana e outros assuntos diversos.

Além disso, uma vez no mês, eles se reuniam no sábado à tarde e realizavam alguma atividade externa. Às vezes era uma caminhada no parque, uma visita a algum amigo(a) da família, um passeio no *shopping*, um jogo a que iriam assistir etc. Eram iniciativas simples e não dispendiosas, mas que

contribuíram para gradativamente criar o hábito da convivência em família. Isso os aproximou muito e evitou inúmeros conflitos que poderiam acontecer. Até os conflitos com o filho adolescente diminuíram muito, quase totalmente, e eles passaram a ser muito mais cúmplices e próximos.

A convivência e a comunhão para esta família se tornaram um hábito e, conseqüentemente, um prazer. Essa mãe só conseguiu manter as “rédeas” de cuidado e afeto sobre sua família, porque foi capaz de usar o inteligente e dinâmico recurso da criatividade.

Ser família não significa apenas morar juntos. Ao contrário, o clima e a harmonia de família precisam ser construídos; eles não preexistem e precisam ser gradativamente estimulados, para que se tornem um hábito e gerem a alegria de uma verdadeira interação familiar. Isso dependerá de nós e de nossas iniciativas.

O prazer de conviver é um hábito que só acontece quando o estimulamos, assim como acontece com o fechamento e o isolamento na

vida familiar. Se a convivência e a interação não são estimuladas com uma “criativa pedagogia”, os membros de nossa casa irão aos poucos se isolando em suas atividades, celulares e computadores, em suas vidas particulares e, quando menos percebermos, seremos estranhos que apenas moram debaixo do mesmo teto.

Na família há pouco citada, todos começaram a se envolver com a dinâmica interativa e, além disso, cada membro passou a aguardar ansiosamente aquele dia para estar juntos, realizar uma atividade e conversar. Foi uma iniciativa simples, que foi envolvendo a todos e que não custou muito, mas que trouxe uma nova vida e dinâmica para o relacionamento familiar.

É claro que, à medida que os filhos foram crescendo, a dinâmica também precisou mudar e se adequar à realidade do estágio etário de cada um. Contudo, aquele espaço que havia sido conquistado no coração de cada familiar não foi mais perdido e cada um, mesmo diante das novas atividades e perspectivas, já havia criado o hábito de partilhar e conviver em família. Eles foram esti-

mulados a fazer os membros de casa participarem de suas vidas, sonhos e conquistas pessoais; um lindo hábito que muito os ensinou, tornando-os mais generosos, mais humanos e menos egoístas.

Esse tipo de estímulo é capaz de formar muito bem os filhos(as) para a vida, para o trabalho e para seus relacionamentos futuros. Quem aprende a partilhar e a bem conviver dentro de casa, terá muito mais facilidade para se relacionar bem com todos nos futuros ambientes que irá frequentar e nos quais irá viver.

Outra iniciativa criativa que proponho é a dinâmica do pai (ou mãe) criar o hábito de ter um momento semanal particular com cada filho(a), um momento que seja um verdadeiro encontro entre esses dois corações, nem que seja rápido e simples – como um café na padaria, por exemplo. Este hábito aproxima e cria o costume da conversa, da intimidade e da comunhão, fazendo com que compreendamos melhor como funciona cada pessoa com seu específico temperamento, reações e jeito de enxergar todas as coisas. Assim, a educação

e a comunhão podem também acontecer de forma mais personalizada, o que ajudará muito os pais na dinâmica da interação afetiva e na promoção da convivência familiar.

Criemos o dia da família, a noite da pizza, o espaço do lazer, o dia e o local da oração em família etc. Criemos pretextos, com criatividade, para estar juntos e cultivar os relacionamentos em família... Essas são simples dinâmicas que fazem que nossa casa se torne um ambiente mais harmônico e gostoso, no qual todos querem estar e permanecer. Iniciativas como essas encurtam distâncias e aproximam corações, fazendo com que as más interpretações, as interferências externas e os terríveis ruídos na comunicação não estraguem a amabilidade e a alegria de nosso lar.

Na vida conjugal, de forma semelhante, será extremamente necessário o exercício da criatividade. Criatividade para saber estimular a comunhão e para não deixar a relação cair na mesmice e no desgaste... Essa virtude fará o casal encontrar alternativas novas para solucionar angústias e problemas antigos.

O casal criativo tem a inventividade para promover momentos únicos e especiais entre si; tendo juntos refeições, momentos de lazer e de partilha. Eles não podem se esquecer de que todo relacionamento a dois precisa de oportunidades assim, para poder crescer e se ajustar. Isso é muito importante para a manutenção da vida conjugal e para o crescimento no amor.

Todo relacionamento é como uma planta que necessita de cuidados: se não a regamos, podemos e cuidamos – da forma e no tempo certos – ela não cresce e acaba morrendo.

Todo casal precisa ser criativo para fomentar e criar momentos nos quais eles possam estar juntos, aprofundando a intimidade e a comunhão. Ainda que o tempo e os recursos sejam poucos, a criatividade se faz essencial para que eles tenham a possibilidade de amadurecer e aprofundar sua interação.

O casal não pode se descuidar um do outro. Eles devem sempre recordar que, antes de serem pai e mãe, são marido e mulher. Se eles se dedicam

apenas à atividade paterna/materna e são displi-
centes no cuidado conjugal, o relacionamento
não tardará a apresentar desajustes, conflitos e
problemas.

A intimidade conjugal não pode ser preju-
dicada pelo excesso de atividades, ou pela total e
ininterrupta dedicação aos filhos. Os filhos são
uma grande dádiva para qualquer família, mas
precisam estar no lugar que lhes é próprio e, assim,
contribuir para o crescimento da família no amor,
nunca para sua divisão.

Os filhos não podem separar um casal; ao
contrário, devem ser um elemento de encontro
e unidade para toda a família. *Para isso, os pais
precisarão ter sabedoria para colocar os filhos em seu
específico lugar, amando-os sim, mas não os tratando
como o único centro da vida familiar.* Chegará um
momento em que cada filho(a) seguirá o seu ca-
minho e sairá de casa e, por fim, restará apenas o
casal... *Se eles não tiveram sabedoria para cultivar
o amor, a partilha e a comunhão entre si ao longo
dos anos, entrarão em colapso relacional assim que*

os filhos saírem do lar, porque, no fundo, o sentido de sua união era apenas os filhos, e não o amor que um dia os uniu e os fez “uma só carne”.

Os pais precisam conversar e se entender mutuamente, sem deixar que os filhos – que são algo bom em si – venham a dividi-los. Infelizmente, as nossas crianças – os filhos(as) em geral – são muito “espertas” e usam, especificamente, as brechas na comunhão e no diálogo entre os pais, para dividir sua opinião e assim conseguir o que desejam. Os filhos(as), sobretudo as crianças, não fazem isso por maldade ou com a intenção de dividir, mas quando os pais não dedicam a devida atenção à comunhão conjugal, acabam caindo nessas armadilhas corriqueiras que enfraquecem sua interação e, por consequência, fragilizam toda a família.

Um filho(a) precisa ser amado como filho, não como o centro da família e a única razão de ser do casal. O casal não pode viver única e exclusivamente para os filhos; eles precisam ter, periodicamente, o momento deles, para se curtirem e aprofundarem sua relação.

Todo casal precisa ter momentos a sós para conversar, reconciliar-se, entender-se e namorar... Isso é essencial para a manutenção/restauração do relacionamento, e para que ele perdure ao longo do tempo.

Os filhos não podem ter o controle de todas as decisões da família, pois se assim o for, eles prejudicarão a interação familiar e crescerão mimados e imaturos. Tal atitude os “deforma”, ao invés de os formar, fazendo-os sofrer e enfrentar muitas podas da vida e das pessoas, ao longo do caminho.

Enfim, a criatividade cabe em qualquer lugar, e deve ser utilizada de forma prática, como parte de nossa estratégia de luta pela restauração de nossa família. Peçamos a Deus que nos ilumine em seu exercício e nos esforcemos para ser realmente criativos na animação da convivência e comunidade em nosso lar. Isso será imprescindível para que superemos as dificuldades e alcancemos a felicidade nos enredos de nossa vida em família.

Para alcançar eficácia em nossas iniciativas, precisaremos nos concentrar nisso verdadeira-

mente, dispendendo atenção a esse respeito, e vendo a convivência familiar como uma verdadeira prioridade.

A família precisa ser prioridade para nós, e isso não apenas em nossas palavras. O que interessa é aquilo em que nos concentramos... O foco da nossa vida deve ser coerente com as nossas prioridades; do contrário, não alcançaremos êxito no que desejamos e não seremos felizes em família.

É impossível comprar uma família feliz. Por mais que queiramos dar o melhor a ela, muitas vezes, nossa energia estaria melhor canalizada se passássemos mais tempo com os nossos, em vez de somente comprar coisas para eles. *O melhor presente que podemos dar à nossa família é a nossa atenção criativa.* Ela não precisa tanto de brinquedos ou joias. Precisa de nós.

Encerro este capítulo apresentando cinco capacidades/habilidades importantes que precisamos almejar, a fim de cultivarmos a criatividade que nos levará ao eficaz restauro de nossa comunhão familiar. Espero que elas sejam um poderoso re-

curso que ajude você a se potencializar neste processo que aqui propomos, oferecendo-lhe novos e eficazes instrumentais.

1. Capacidade de iniciativa e proatividade

Em qualquer família, a iniciativa e a proatividade serão essenciais para potencializarmos o que é bom e evitarmos os problemas antes que eles aconteçam. A proatividade é o que nos move a ter iniciativas criativas, é o que nos faz agir de antemão para promover o bem sem ser alguém que apenas reage diante do mal que já aconteceu. O proativo(a) promove momentos inteligentes propícios à comunhão familiar. Ele(a) dá o primeiro passo, antecipando-se e agindo assertivamente para promover o que faz bem a todos na família. Ele não fica esperando as coisas acontecerem, mas “vai à luta” – com iniciativas criativas – para promover a comunhão familiar.

2. Capacidade de aprendizagem contínua

Quem quer ser feliz busca sempre aprender e evoluir, para se tornar alguém melhor e, assim, oferecer o melhor de si aos outros. Quando damos o melhor de nós, começamos a transformar os ambientes onde estamos.

É preciso identificar nossas próprias características (dons e fraquezas), buscando sempre e em tudo aprender e desenvolver nossas habilidades, para assim nos aprimorar e crescer com o conhecimento e a experiência adquirida.

3. Capacidade de aprofundar as conexões

É necessário manter e aprofundar as conexões relacionais já existentes. Se nos descuidamos e não “regamos” a planta de nossa comunhão através de uma saudável convivência, ela irá morrendo e a distância se intensificará, fazendo com que

surjam tensões e o ambiente fique desarmônico. Nossas conexões em família precisam ser cuidadas e aprofundadas constantemente.

4. Capacidade de descobrir e estimular talentos na família

Mais do que se esforçar para manter os talentos já existentes – aquilo que já é bom e se destaca, é imprescindível descobrir os talentos e potencialidades escondidos nos membros da família e investir nestas habilidades. Desenvolveremos, dessa maneira, a arte de incentivar o outro, criando um ambiente de acolhida e o respeito necessários para que todos os dons ainda não explorados possam aparecer.

5. Capacidade de mediar e resolver conflitos

Essa capacidade significa saber ouvir e mediar os conflitos logo que eles surgem, mas sem tomar

partido, e buscando que as respostas para eles se revelem naturalmente. Essa postura de mediação traz ganhos para todos e promove uma maior interação familiar. Contudo, tal postura deve ser equilibrada e racional, evitando reações ríspidas e muito “emocionais” que prejudiquem o ambiente familiar.

Oração do Sexto Passo

Senhor, Tu sabes como muitas vezes acabei me acomodando e enferrujando na convivência familiar. Muitas vezes, deixei que a rotina e a indiferença sufocassem em mim o prazer de estar em família. Muitas vezes, os problemas desviaram minha atenção do que é essencial, e acabei não dando o meu melhor dentro de casa...

Peço-te hoje, com confiança, que o Senhor restaure em meu coração a disposição para amar e viver bem a comunhão em meu lar. Liberta-me de toda superficialidade e preguiça, e dá-me o dom da criatividade relacional, Senhor.

Eu quero e preciso ser melhor dentro de casa; quero restaurar o meu lar com criatividade e inte-

ligência, promovendo momentos de encontro e de renovação do amor.

Capacita-me e enche-me com o Teu espírito, fonte de toda e qualquer criatividade. Faz-me enxergar oportunidades onde antes eu não via, e dá-me a graça de lutar com empenho para tornar minha casa um ambiente melhor e mais feliz.

Eu desejo ser mais dinâmico, ativo e aberto, Senhor: quero muito, a partir de coisas simples, ser criativo(a) para restaurar minha casa e transformar minha família. Sei que isso é exigente, mas eu estou disposto, Senhor.

Vem em meu auxílio e dá-me essa graça.

Amém!

Sétimo passo: Confiar na Providência Divina e administrar os recursos com inteligência

CHEGAMOS AO ÚLTIMO PASSO de nossa estratégia para a restauração de nossas famílias. Neste itinerário, pudemos receber ferramentas muito valiosas e fazer oportunas reflexões sobre a realidade de nossos lares, compreendendo melhor seus inúmeros dons e desafios. Pudemos reavaliar nossa conduta e atitudes dentro de casa, reordenando nossas forças e as direcionando melhor.

Neste último capítulo refletiremos, à semelhança dos passos anteriores, sobre recursos muito

práticos e ordinários, porém eficazes, para enfrentarmos este verdadeiro combate pela libertação e restauração de nossa casa.

Apresentaremos dois instrumentais muito especiais. O primeiro é a confiança que precisamos cultivar no cuidado de Deus para conosco, ou seja, crer em Sua providência, visto que Ele é um pai que cuida de cada um de seus filhos(as). Essa confiança, entretanto, precisa ser responsável e nos levar a agir com inteligência e planejamento na administração dos recursos que temos.

A confiança que devemos ter em Deus precisa ser sóbria e “encarnada”, levando-nos a administrar nossa vida e patrimônio com sabedoria, eficiência e sem gastos desnecessários. Para isso, precisaremos exercer um cuidadoso discernimento no que se refere à administração dos recursos que pertencem a nós e aos nossos.

Essa é uma questão delicada, pois expõe um aspecto em que muitas famílias vivem uma verdadeira desordem... Mas tal realidade é muito importante na dinâmica familiar, e precisa ser sabiamente anali-

sada, a fim de contribuir para a manutenção de uma saudável convivência familiar.

O modo como o patrimônio da família é administrado acaba tendo um impacto direto sobre ela e sobre a forma como se desenvolvem seus relacionamentos. Muitas são as famílias e casamentos que, por exemplo, têm vivido crises e até concretas rupturas em virtude de problemas de ordem financeira e administrativa. Essa é uma questão muito significativa, que tem afetado concretamente a dinâmica de muitos lares.

Toda a família acabará pagando o preço de uma administração financeira irresponsável ou displicente, ainda mais quando ela é exercida de maneira arbitrária e sem uma comunhão interativa – sobretudo entre o casal. A família deverá conversar sobre tais realidades, crescendo em competência administrativa e chegando a padrões consensuais.

A American Bar Association⁴⁰ – entidade americana equivalente à Ordem dos Advogados

⁴⁰ Confira toda a pesquisa e demais observações em: <http://familia.com.br/como-a-administraccedilatildeo-financeira-afeta-o-casamento>. Acesso em 04.06.2016.

do Brasil, OAB – tem estatísticas segundo as quais *89% dos divórcios originam-se em brigas e acusações ligadas à administração do dinheiro. Outras fontes estimam em 75% o número de divórcios resultantes de conflitos sobre finanças.* Dados como esses nos mostram que o assunto realmente merece atenção e que, para evitar problemas, o casal e a família precisarão administrar juntos as finanças, e administrá-las bem! *A maneira como uma família gerencia seus recursos acaba sendo até mais importante do que o tamanho da sua renda.*

Como dizia um antigo ditado popular: “Quando o dinheiro sai pela porta, a paz do casamento acaba saindo pela janela”. É óbvio que a felicidade do matrimônio não depende exclusivamente do dinheiro ou dos bens; sabemos que eles não são o elemento mais importante. Todavia, ninguém pode negar que, quando os recursos não são bem utilizados, ou quando não são administrados com comunhão, isso acaba causando inúmeros conflitos e desencontros na vida conjugal e familiar.

O desafio de administrar bem se torna ainda maior quando os recursos são escassos e as condições, precárias. Muitos são os desafios impostos às famílias em nosso tempo, sobretudo pelo modelo econômico excludente que move a nossa sociedade. Tais realidades exigirão muito mais destreza, perspicácia e comunhão em nossa arte de administrar os recursos, a fim de que as reais necessidades sejam contempladas e toda a família possa se desenvolver.

O Papa Francisco apresentou este cenário da seguinte forma:

Às vezes as angústias das famílias se tornam dramáticas, quando têm que enfrentar a doença de um ente querido sem acesso a serviços de saúde adequados, ou quando se prolonga o tempo sem um emprego decente (...) *O atual sistema econômico produz diversas formas de exclusão social*. As famílias sofrem de modo particular por causa dos problemas relativos ao trabalho. Para os jovens, as possibilidades são poucas e a oferta de trabalho é muito seletiva.⁴¹

⁴¹ AL, 44.

Diante deste enredo e da delicada realidade que envolve a administração dos recursos familiares, para a qual as famílias precisam de apoio e orientação, seguem algumas dicas práticas⁴² para que o casal (e toda a família) possa cuidar melhor e de forma mais harmônica das finanças, administrando-as com mais parceria, menos conflitos e, ao mesmo tempo, promovendo o crescimento na comunhão familiar.

1. Para que pessoas trabalhem e vivam juntas e seu casamento/família dê certo, elas precisam *criar um orçamento cuidadosamente planejado, feito tanto pelo marido quanto pela esposa e, depois, seguirem esse orçamento com todo cuidado*. Faz-se necessário conversar sobre as maiores necessidades da família, planejando um orçamento por consenso e aplicar-se a segui-lo com fidelidade.

2. *Sejam econômicos, resistindo ao impulso de comprar tudo que têm vontade ou condições (e que*

⁴² Disponível em: <http://financaspessoais.organizze.com.br/controlar-financeiro-em-familia/>. Acesso em: 04.06.2016.

muitas vezes não é realmente necessário). Comparem preços, sejam rigorosos. Comprar não é fonte da felicidade; sejam equilibrados e se orientem a partir das verdadeiras necessidades da família. Evitem criar necessidades desnecessárias.

3. *Defina os gastos de cada mês com antecedência, utilizando o critério das prioridades*. O casal (a família) deve saber o quanto vão receber e exatamente quando e em que precisarão gastar. Isso fica muito mais fácil se organizarem uma planilha com uma página para cada recebimento e despesa. Quando os gastos são definidos com antecedência, o planejamento obtém mais eficácia e todos podem acompanhar sua aplicação.

4. *Reserve alguma quantia para imprevistos*, como gastos com médicos, remédios, etc. Eles são inevitáveis e poderão mesmo acontecer.

5. Evite assumir dívidas por prazos muito longos. *Pode ser perigoso contar demasiadamente com um dinheiro que você ainda não recebeu e*

comprometer parte da renda, pois ninguém pode prever o futuro. Em caso de problemas inesperados, você ficará mais satisfeito se tiver uma reserva em dinheiro, em vez de um carnê para pagar.

6. *Guardem parte do que recebem,* mesmo que comecem poupando em torno de 5% da renda. Esse hábito proporciona segurança e, a longo prazo, possibilita a realização de alguns sonhos.

7. *Vivemos em uma sociedade que se deleita em ostentar,* vivendo acima do que realmente possui. *Não caia nessas armadilhas; seja simples, viva modestamente, e o tempo recompensará cada escolha e sacrifício realizado.* Não compre coisas apenas para ser admirado por terceiros; seu valor está naquilo que você é, não naquilo que você mostra para os outros.

8. *Tracem metas juntos,* que sejam equilibradas para ambos (para o casal e para a família): nem fáceis demais, nem inatingíveis demais. Projetem-

-se para vários meses ou anos à frente, e trabalhem em direção à realização destes planos.

9. Cada vez que se sentarem juntos para atualizar o orçamento, ou quando forem conversar sobre qualquer decisão relacionada a ele, *sejam respeitosos um com o outro, utilizem um tom de voz calmo e se expressem com amor.*

Essas são dicas modestas e de ordem prática, que poderão ocasionar um impacto muito positivo em nossa competência administrativa em família. Pode ser até que elas já façam parte de sua dinâmica familiar. No entanto, como as atuais estatísticas têm chamado a atenção com relação a problemas desta ordem – os quais têm verdadeiramente prejudicado a dinâmica de muitas famílias – precisamos aqui abordá-los, oferecendo instrumentos práticos que possam auxiliar as famílias no crescimento e na solidificação da harmonia em seus lares.

A família precisa conversar sobre os seus ganhos e gastos. É importante manter os membros da casa

informados sobre os valores que entram e saem, sobre o quanto cada um ganha etc. Isso, ao contrário do que se pensa, contribui para criar um ambiente de transparência, comunhão e mútua responsabilidade, que envolve e conscientiza a todos, fazendo com que a família cresça na compreensão dos desafios financeiros e na competência de administrar o que se tem.

Muitas pessoas tendem a esconder os valores que recebem, achando que poderão economizar mais, ou que sua família não deve ter conhecimento. Entretanto, sabendo o quanto cada um(a) ganha, todos na família poderão ter as mesmas ideias a respeito do que é possível comprar, de quais gastos excedem sua renda etc. Se uma família possui contas a pagar que superem as contas a receber (salário, aluguéis, rendimentos de investimentos) e todos souberem os respectivos valores, novas ideias poderão surgir e ser compartilhadas, gerando soluções criativas e adequadas para todos, além de estimular a partilha e a comunhão em família.

Há especialistas que acreditam ser saudável incluir até os filhos pequenos nessas discussões, pois assim estamos ensinando-os e poupando-os de surpresas econômicas desagradáveis futuramente, além de os inserir efetivamente no convívio familiar. De tal forma, demonstramos amor e respeito por suas opiniões, ainda que nossas crianças não tenham muita experiência de vida. Mesmo com sua pouca idade, elas costumam dar ideias criativas, sem os vícios e as amarras emocionais que os adultos muitas vezes trazem no coração.

Nessa dinâmica de reorganização da postura administrativa em família, outro passo importante será a constante revisão das contas e a averiguação dos gastos que poderão realmente ser eliminados. Deve-se, periodicamente, olhar para os números e pensar friamente para onde o dinheiro está indo e se ele está sendo bem empregado. Se ele não é suficiente para o orçamento, será recomendável repensar os objetivos comuns da família e, assim, reencaminhar os gastos para a concretização dos objetivos principais em detrimento de pequenos confortos.

A conversa e a análise financeira feitas em conjunto podem trazer um convívio mais agradável para pessoas que compartilham de um mesmo orçamento, diminuindo brigas, otimizando oportunidades e aumentando a saúde emocional e financeira para os mais velhos e mais jovens.

Sendo os recursos escassos ou abundantes, uma administração sábia e compartilhada é uma ferramenta de extrema importância na batalha pela restauração de nossas famílias, que contribuirá para a eficácia de nossa comunhão familiar.

Todavia, tal realidade não encerra todo o conteúdo a ser apresentado neste capítulo. Além da capacidade de administrar bem e em comunhão com a família, precisaremos desenvolver – como o título deste capítulo propõe – a capacidade de fomentar a fé em nosso ambiente familiar, vivendo uma confiança irrestrita no cuidado de Deus e em Seu amor de pai, dirigido a cada um de nós.

A fé é um atributo que, não obstante as outras possibilidades, ensina-se e aprende-se em casa. *Quando criamos um ambiente de fé em nossos*

lares, todos os membros acabam por ser atingidos e contagiados.

Por mais que trabalhemos duro e administremos bem os nossos recursos, nossa confiança não pode estar somente em nossas capacidades e bens; nossa confiança precisa estar em Deus, que sempre cuida de nós e que não deixará que sejamos vencidos pelas dificuldades ou privações.

Ele é um pai que não falha nem nos abandona. Será sinal de sabedoria viver este abandono de confiança em Suas mãos. Porém, este Pai quer que vivamos responsabilmente e administremos com sabedoria os recursos que temos.

Essa referida confiança na Providência Divina deve ser estimulada e fomentada em nosso contexto familiar. Devemos aproveitar todas as oportunidades possíveis para tornar nosso lar um ambiente de aprendizagem da fé, um lugar de oração, no qual a presença de Deus se faça sentir e se possa experimentar. Para isso, precisaremos aproveitar com inteligência os espaços que temos, utilizando os momentos das refeições, reuniões e

festas familiares para promover oportunidades para todos rezarem juntos, invocando a bênção de Deus sobre as realidades concernentes a toda a família.

Os pais devem ensinar os filhos a trabalhar com afinco, sempre dando o seu melhor; contudo, precisam também ensiná-los que tudo depende de Deus (a “última palavra” pertence a Ele) e que Nele devemos sempre confiar. O que de mais nossas famílias têm necessidade é essa fé, que é operante, mas confia e caminha com esperança no cuidado divino. O Papa Francisco disse às famílias:

Todas as famílias têm necessidade de Deus: todas, todas! Necessidade da Sua ajuda, da Sua força, da Sua bênção, da Sua misericórdia, do Seu perdão. E requer-se simplicidade. Para rezar em família requer-se simplicidade! *Quando a família reza unida o vínculo torna-se mais forte.*⁴³

Todas as famílias precisam rezar em comunhão e crescer nesta fé no cuidado de Deus. Cada

⁴³ Homilia da Missa da Jornada da Família, que se realizou em Roma, em outubro de 2013.

membro da família precisa nutrir essa consciência de nossa real necessidade de Deus, que será sempre o amparo e a força mais necessária em nossos momentos de adversidade. Isso deve ser ensinado e aprendido em casa.

A oração em família possui uma intrínseca pedagogia capaz de formar e unir a família. Cada membro deve responsabilizar-se pela saúde espiritual do lar, tornando a fé algo que faz parte do cotidiano, uma verdadeira fonte de forças para lutar contra tudo o que busca destruir a felicidade e a harmonia familiar.

Tudo pode se tornar matéria para alimentar a vivência da fé em família. Os sofrimentos podem se tornar motivos de oração, os sonhos podem ser oportunidades para sinceras preces, os medos podem motivar a confiança. Esse ambiente vai contagiando a família e fazendo crescer a fé no coração de cada membro do lar.

Essa tarefa de fazer crescer a fé deve ser assumida por todos que compõem a família. No entanto, caso alguns não possam fazê-lo em virtude

dos problemas e fraquezas que costumam atingir os membros de nossa casa, alguém precisa assumir o leme e dar passos concretos – em nome de todos – em direção à restauração do lar e da harmonia familiar, na certeza de que, como afirmou Madre Teresa de Calcutá, “nada daquilo que é feito por amor é pesado demais”.

Se ainda não há quem reze e cultive uma real espiritualidade em sua casa, seja você o primeiro(a) a abrir caminho para eles através de suas iniciativas e oração. Seja um verdadeiro(a) bandeirante e abra espaço para que presença de Deus adentre no contexto de sua família. Não tenha medo de propor a fé e a confiança no cuidado de Deus – em Sua providência – a todos(as) de seu lar. Creia que os frutos serão maravilhosos e alcançarão os membros de sua casa ao longo do caminho da vida.

Assim concluímos nossos sete passos, na certeza de que eles são parte de uma estratégia muitíssimo eficaz, caso a sigamos com constância e fidelidade. Tais passos são verdadeiros recursos bélicos na batalha pela restauração de nossas fa-

mílias; espero que eles o(a) ajudem e norteiem você em suas lutas cotidianas.

Nunca desista de lutar e de se empenhar pela restauração do seu lar, pois não existem guerras que não possam ser vencidas, quando lutamos com as armas certas e com os recursos necessários! Nunca se esqueça que você foi criado para ser feliz, e que Deus combate a seu favor e de sua família. Ele nunca desiste de sua família; não desista dela você também!

Obrigado por ter trilhado este caminho comigo de cura e restauração. Seja fiel ao que ele propõe, e tenha certeza de que você contemplará verdadeiros e lindos milagres ao longo deste percurso. Utilize sempre esses sete passos!

Oração do Sétimo Passo

Senhor, após concluir estes sete passos, clamo a Ti a graça de vivê-los sinceramente em minha dinâmica familiar. Que eu não desista de minha família! Dá-me Tua força e coragem para que eu lute sempre por ela.

Renova minha fé e esperança, e faz-me não estacionar em meus medos, decepções, mágoas e feridas. Quero ir adiante, Senhor. Quero lutar pela restauração de meu lar, independentemente de minhas feridas e cicatrizes. Capacita-me a viver o amor e renova meus propósitos e minha disposição, Senhor.

Quero ser Teu instrumento em minha casa. Que através de mim todos os meus recebam a Tua luz. Coloco-me à Tua disposição: podes me usar, Senhor.

Suplico a Ti a cura, a libertação e a transformação de todos os meus familiares. Libertanos de tudo o que nos divide e nos afasta de Ti; arranca as raízes de tristeza, pecado e vícios de nossos corações.

Ilumina tudo o que está escuro em minha família e restaura minha casa, Senhor. Eu e minha casa serviremos ao Senhor!

Amém!

Querer formar uma família é querer fazer parte do sonho de Deus, é ter a coragem de sonhar com Ele, de construir com Ele, de unir-se a Ele nesta história de construir um mundo onde ninguém se sintá só. (Papa Francisco)⁴⁴

⁴⁴ AL, 321.

Referências

10 dicas para viver bem um relacionamento. Disponível em: <http://formacao.cancaonova.com/familia/10-dicas-para-viver-bem-um-relacionamento/>

AGOSTINHO, Santo. *Confissões.* São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

185

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica.* São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida.* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

Como a administração financeira afeta o casamento.
Disponível em <http://familia.com.br/como-a-administraccedilatildeo-financeira-afeta-o-casamento>

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008.

LUCADO, Max. *No olho do Furacão*. Editora Mundo Cristão: São Paulo, 2014.

PAPA FRANCISCO. *Encontro de Famílias em Roma*, em outubro de 2013. Disponível em <http://papa.cancaonova.com/discurso-do-papa-as-familias-em-peregrinacao-ao-vaticano/>

PAPA FRANCISCO. *Encontro do Papa com os noivos*, em 14.fev.2014. Disponível em <http://papa.cancaonova.com/dialogo-do-papa-francisco-com-os-noivos-140214/>

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAPA FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa pela Jornada das Famílias em ocasião do Ano da Fé* (27.

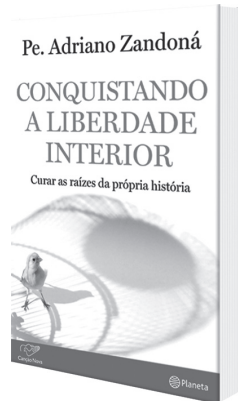
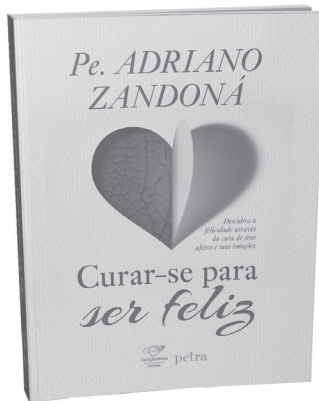
out.2013). Disponível em: <http://papa.cancao-nova.com/homilia-do-papa-na-jornada-das-familias-27102013/>

PAPA JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. São Paulo: Paulinas, 1983.

QUINTANA, Mário. *Esconderijos do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

Leia também:



Produtos Canção Nova, INOVANDO PELA EVANGELIZAÇÃO!



■ CDs E DVDs

Música de evangelização para você ouvir quando quiser



spotify
.com



deezer
.com



itunes
.com



Google
Play

■ LIVROS PARA OUVIR

Ouçá seus livros preferidos onde você estiver



tocalivros.com.br



audioteka.com.br

■ EBOOKs

Os livros Canção Nova para você ler como quiser



kobo
.com



amazon
.com



iBooks
App Store



Google
Play

Pregações, shows, programas e todo conteúdo da Canção Nova onde e quando você quiser. Acesse cancaonovaplay.com e saiba mais!

Canção Nova
PLAY

A fonte utilizada no miolo é Adobe Garamond Pro.
O papel do miolo é offset 63g/m² e o da capa é cartão 250g/m².